



BOLETIM ICOM Portugal
Série III n.º 2 Jan 2015



EDITORIAL

Num contexto de recursos cada vez mais escassos, de crescente exigência e de maiores expectativas, há uma enorme pressão para tirar partido dos recursos existentes no mundo dos museus de um modo mais eficaz. O trabalho em rede tornou-se palavra-chave, quer no contexto mais endógeno, entre os profissionais e no seio das instituições, quer na relação dos museus com a sociedade. O trabalho em rede é, por isso, a temática de eleição deste número.

Longe de ser um estado da arte sobre a criação de redes em Portugal, em *Perspectivas* dá-se voz a algumas experiências, nalguns casos emergentes, noutros casos mais consolidadas, através do testemunho de vários profissionais. No entanto, apesar das potencialidades e do papel positivo que as redes preconizam actualmente, como adverte Clara Frayão Camacho, as «redes não são panaceias dos tempos pós-modernos. Não basta criá-las, precisam de cuidados e de alimento para não murcharem. Em situações extremas de carência de recursos, a sua eficácia necessariamente diminui.» (p. 9). Clara Frayão Camacho defendeu em Julho de 2014 a sua tese de doutoramento sobre sistemas e redes nacionais em nove países europeus, da qual apresenta alguns resultados neste boletim: «Redes de Museus na Europa: Afinidades e Diferenças num Panorama Rico e Variado» (*Em Foco*). Gail e Barry Lord terminam a sua entrevista, sublinhando a importância do desenvolvimento da profissão, através de um maior activismo associativo, o que não deixa de estar relacionado com a necessidade de maior trabalho em rede entre os profissionais.

Merece particular nota neste boletim, o texto de Luís Raposo de homenagem a João Saavedra Machado (1932-2014). Em *Notícias ICOM* poderá ter uma perspectiva global de alguns dos debates dos últimos meses. Como habitual, seleccionámos um conjunto de sugestões de leitura com base no tema do boletim e destacamos quatro publicações recentes. Em *Breves* encontra uma selecção de notícias e em *Agenda* a programação em destaque para os meses que se seguem.

O próximo número será dedicado aos *Museus Para uma Sociedade Sustentável*, o tema de 2015 do Dia Internacional dos Museus. Colabore!

Ana Carvalho

ÍNDICE

MENSAGEM DO PRESIDENTE	3
EM FOCO	6
REDES DE MUSEUS NA EUROPA: AFINIDADES E DIFERENÇAS NUM PANORAMA RICO E VARIADO	6
PERSPECTIVAS	11
ENTREVISTA	18
COM GAIL E BARRY LORD	18
IN MEMORIAM	22
NOTÍCIAS ICOM	24
BREVES	46
PUBLICAÇÕES	48
SUGESTÕES DE LEITURA	48
NOVAS EDIÇÕES 2014	50
AGENDA	55
CONFERÊNCIAS, ENCONTROS, DEBATES	55
FORMAÇÃO	56
CHAMADA PARA PROPOSTAS	58
MUSEUS PARA UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL	59

MENSAGEM DO PRESIDENTE



Nos últimos nove meses temos norteado a nossa acção no sentido de promover a divulgação sistemática das actividades do ICOM Portugal, dos assuntos mais relevantes emanados do ICOM Internacional e dos seus comités internacionais, e ainda de temas que nos parecem de particular interesse para os profissionais dos museus portugueses. Esse enfoque na informação tem sido efectuado através do renovado boletim, da página do Facebook e ainda de emails dirigidos aos membros.

Ao longo destes meses foram vários os associados do ICOM que participaram em iniciativas internacionais. Luís Raposo, membro da direcção do ICOM Europa, teve a seu cargo uma das conferências inaugurais do encontro *Museus e Políticas*, organizado conjuntamente pelas comissões nacionais do ICOM da Rússia, da Alemanha e dos Estados Unidos. Neste boletim, Luís Raposo dá-nos notícia da sua participação e da discussão gerada neste evento.

No Museu de Portimão realizámos, a 31 de Outubro, um encontro dedicado a bons modelos de gestão de museus na sua relação com a sociedade, *Museus e Gestão: Novas Pontes para a Sociedade*, com a participação de conferencistas portugueses e outros colegas europeus membros do ICOM. Todos apontaram o caminho do trabalho em rede, formal ou informal, e a necessidade dos museus criarem laços fortes com as comunidades, na acessibilidade e na inclusão. Os museus têm um papel importante na organização de uma comunidade, onde diferentes comunidades se podem encontrar e desenvolver projectos em conjunto.

Entre os dias 25 e 26 Março de 2015 iremos organizar, em colaboração com o Conselho da Europa, um seminário em que se irá reflectir com especialistas europeus a importância da Europa e do papel dos museus na identidade europeia (*Histórias Partilhadas Para uma Europa Sem Linhas Divisórias/Shared Histories for a Europe Without Dividing Lines*). No mesmo mês realizar-se-ão, em Lisboa, as Jornadas de Primavera do ICOM Portugal (27 de Março), que contam com a colaboração do CECA (Comité Internacional para a Educação e a Acção Cultural) para uma reflexão sobre *Europa, Museus e Educação*, em que teremos oportunidade de ter comunicações de especialistas estrangeiros e nacionais.

Aproveitamos para lembrar que o Dia Internacional dos Museus a 18 de Maio de 2015, dedicado ao tema *Museus Para uma Sociedade Sustentável*, é o momento de ensaio para novas actividades, parcerias e colaborações com outras instituições, sendo um

período em que as equipas dos museus mostram a sua grande capacidade de trabalho e originalidade, possibilitando a atracção de grande número de visitantes.

Sendo o ICOM um organismo da UNESCO atento à situação dos profissionais de museus e aos museus em si, não podemos deixar de comentar diferentes realidades que estamos a viver na conjuntura actual e que são preocupantes. Num momento em que os museus são referidos, em grande parte, em questões relacionadas com a mudança de tutela, afectos ou desafectos a determinada entidade, não tem existido debate dos agentes políticos responsáveis com as associações profissionais, nem com os próprios técnicos dirigentes de museus, repetindo-se uma situação que há bem poucos anos criou a realidade actual.

Todos sabemos que o panorama de museus é desigual, nomeadamente no que diz respeito aos museus nacionais, quer em termos geográficos, quer em termos da natureza de acervos que integra. No entanto, é necessário ter em conta princípios como: o incremento da Rede Portuguesa de Museus; a criação de sub-redes geográficas e temáticas, em que se deve avaliar o papel do Estado central; a reorganização política e administrativa do país em matéria da regionalização que não temos, bem como a redefinição do conceito de “museu nacional”.

Com a criação das Direcções Regionais de Cultura deu-se uma maior pulverização da tutela dos museus que, em muitos casos, resultou na perda real de autonomia da direcção dos mesmos em termos programáticos e estratégicos. Pouco tempo passado destas alterações continuamos a ter anúncios de eventual mudança de tutela de museus da administração central para o domínio autárquico e a fragmentação da Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), num cenário em que os actores envolvidos não são chamados a pronunciar-se.

Por sua vez, alguns dos museus autárquicos atravessam também escassez de recursos, inexistência de dirigentes técnicos e alterações orgânicas, retirando-lhes frequentemente identidade e autonomia técnica.

Também os museus privados, designadamente os dependentes de Fundações atravessam momentos difíceis: o Museu do Brinquedo de Sintra fechou e, antes, o da Fábrica do Inglês, em Silves.

Neste sentido, deixamos algumas questões que servirão de reflexão e de debate nos próximos tempos:

- Qual a visão estratégica a curto e médio prazo para o mapa dos museus da administração central?
- Que museus passam para as autarquias? Quais os critérios? Que recursos financeiros e humanos serão concedidos, tendo em conta a situação financeira da maioria dos municípios?

- As afectações às autarquias não serão alterações de elevado risco ao funcionamento e autonomia dos museus num quadro de drástica redução orçamental?
- Como se articularão estas alterações com a aplicação da Lei-Quadro dos Museus Portugueses?
- Qual o modelo de gestão proposto para o denominado eixo monumental Ajuda-Belém? Que museus e monumentos lhe estão afectos e quais os critérios de agregação dos museus e monumentos a este novo modelo? Qual o grau de autonomia dos directores dos mesmos na programação e na visão das suas instituições?

O ICOM está e continuará a estar atento à actual conjuntura, de contornos demasiado indefinidos e de potencial risco elevado para o desenvolvimento sustentado dos museus públicos portugueses e, muito em breve, promoveremos acções de reflexão e debate sobre estas matérias.

José Alberto Ribeiro

EM FOCO

Redes de Museus na Europa: Afinidades e Diferenças num Panorama Rico e Variado

Clara Frayão Camacho, museóloga, DGPC

Nos últimos três anos desenvolvi um estudo exploratório no plano europeu, em torno da credenciação, dos sistemas e das redes nacionais de museus num conjunto seleccionado de nove países: Espanha, França, Irlanda, Itália, Letónia, Países Baixos, Polónia, Portugal e Reino Unido. Foi meu propósito traçar o historial, caracterizar e comparar os sistemas e as redes nacionais de museus destes países no arco temporal compreendido entre 1985 e 2010, com prolongamentos até à actualidade.¹

Tendo presente o tema deste número do boletim do ICOM Portugal, afloram-se no presente artigo alguns resultados e reflexões referentes às organizações reticulares contempladas naquele estudo.²

Nos países estudados e dotados de sistemas (Espanha) e/ou redes nacionais de museus (França, Portugal e Letónia), verifiquei que, quanto à sua origem, estas são induzidas pelos organismos governamentais. O sistema espanhol e a rede portuguesa têm em comum o modo de criação, através de diplomas legais, o que obrigou à explicitação dos respectivos objectivos. A cooperação interinstitucional quanto às funções museológicas e o aperfeiçoamento do pessoal são comuns a ambos, mau grado a diferença temporal que os separa: o Sistema Espanhol de Museus, pioneiramente criado em 1985 e a Rede Portuguesa de Museus em 2000. Pelo contrário, tanto na Letónia como em França a denominação de “rede de museus” surge na documentação administrativa ao longo do tempo, sem que haja um momento fundador de cariz legal, designadamente nas respectivas leis de museus.

Do ponto de vista organizativo, estas redes nacionais de museus dispõem de entidades coordenadoras que correspondem aos serviços de gestão dos sectores museológicos nacionais, inscritos nas administrações públicas centrais. Se esta característica contraria o atributo de horizontalidade e de ausência de hierarquia do conceito de rede segundo Manuel Castells (2000), vai ao encontro das instâncias de alcance

¹ Projecto de doutoramento em História na Universidade de Évora. Tese disponível em <http://hdl.handle.net/10174/11718>.

² Este texto foi parcialmente apresentado no 8.º Encontro Ibero-Americano de Museus, em Lisboa, a 13 de Outubro de 2014.

nacional, apontadas pelo sociólogo português Augusto Santos Silva (2004) e dos resultados de pesquisas realizadas sobre redes culturais europeias (Brun 2008; DeVlieg 2011), que confirmaram a existência de estruturas formais de coordenação centralizada nestas redes.

No entanto, nas redes de museus que analisei as instâncias coordenadoras não desempenham funções de tutela hierárquica, mas antes de referência normativa, de coordenação programática e de apoio técnico. Relativamente ao atributo da permeabilidade das fronteiras apontado pelos investigadores portugueses Maria Olímpia Lameiras-Campagnolo e Henri Campagnolo (2002), constatou-se a sua especial adequabilidade às redes formadas por museus credenciados, logo em constante mutação e abertas à saída e à entrada de novos membros.

Ao estabelecer uma correlação entre as redes nacionais de museus e os sistemas de credenciação - a exemplo da matriz portuguesa, em que a Rede Portuguesa de Museus é constituída pelo conjunto dos museus credenciados - notei que só em mais dois países este paradigma é aplicável: na França e na Letónia. São diversos os motivos para a inexistência de uma relação directa entre credenciação e redes nos outros países. Desde logo, por as redes não fazerem parte dos objectivos da credenciação de alguns deles, mas também pela existência de fortes redes interinstitucionais de natureza associativa ou por as iniciativas de índole reticular necessitarem de maturidade colaborativa ainda não atingida em certos contextos. De uma forma geral, nos casos maioritários em que as redes de museus não têm relação directa com a credenciação, os critérios de pertença são de malha mais larga do que os associados aos sistemas de credenciação.

A questão da dimensão das redes nacionais de museus é outro tópico a merecer atenção. No caso português e no letão o número de museus que as compõem é da ordem de mais de uma centena enquanto na França ultrapassa o milhar. Estes números levantam questões quanto à aplicabilidade do paradigma reticular a universos museológicos de elevada dimensão, realçando o papel dos nodos de articulação e a promoção de sub-redes infranacionais e temáticas.

Ora, em países que não dispõem de redes nacionais de museus, sobressaem esquemas variados de articulação reticular territorial nos níveis infranacionais e de articulação temática, como sucede com a Itália e o Reino Unido. Vale a pena olhar brevemente para ambos os países com o objectivo de entender as razões que levam à inexistência de redes nacionais de museus.

Em Itália, a legislação regional encorajou a formação de sistemas e de redes de museus, a partir dos anos 1970. Motivadas pela transferência de competências da administração central, as regiões viram nos sistemas e redes de museus possibilidades

de colaboração que poderiam contribuir para um melhor uso e fruição pública do património cultural (Maggi 2006).

Para vários autores, a Itália, “museu difuso”, constitui o território ideal para a conexão em rede dos museus, relacionando-os com o fragmentado património e acrescentando valor ao território para onde os museus se expandem, saindo das tradicionais salas de exposição. Porém, para Giovanni Pinna (2004), os sistemas e as redes de museus também podem apresentar aspectos negativos, designadamente a centralização, a orientação para a eficiência formal e a potenciação da fruição turística das regiões, mas sem influência na promoção cultural da comunidade ou dos próprios museus.

No Reino Unido importa salientar o *Renaissance in the Regions* que corresponde a uma rede de museus regionais de Inglaterra, cada um deles liderando uma pequena rede de “museus satélites”. No interior de cada região, a cabeça da rede (o museu regional) estabelece relações de parceria e de colaboração com os outros museus do território e com as instituições de referência para o desenvolvimento regional e local (agências governamentais e autarquias). Externamente são impulsionadas parcerias com os museus nacionais, maioritariamente localizados em Londres.

Em paralelo, deve recordar-se que no Reino Unido as redes de museus de âmbito nacional remetem, antes de mais, para as associações de museus e de profissionais, entre as quais se destacam a centenária *Museums Association*, a *Association of Independent Museums* e a *National Museums Directors Conference*.

Se a organização em rede faz parte da essência do *Renaissance*, o programa progrediu na estruturação reticular, ao impulsionar, desde 2005, as redes temáticas de museus (*Subject Specialist Networks*). Constituídas por museus acreditados que dispõem de colecções com temáticas e áreas disciplinares afins, estas redes são apoiadas tecnicamente por um dos museus aderentes, sendo objecto de pequenos apoios financeiros governamentais.

Deste modo, o confronto entre estes dois países do Sul e do Norte da Europa evidencia, por um lado, a pulverização regional e provincial das redes de museus em Itália, justificadas por razões territoriais e patrimoniais, sendo o factor político e o administrativo impeditivos de, num país altamente descentralizado e de rumo quase federal, existir uma rede nacional de museus. Já no Reino Unido o caminho do reforço dos museus regionais inscreve-se numa lógica de consolidação das próprias regiões que vai de par com a construção transversal de redes temáticas à escala nacional.

Na actualidade, as pressões externas colocam inúmeras questões às redes nacionais de museus.³ As reconfigurações orgânicas e administrativas dos órgãos de gestão dos sectores museológicos têm estado a decorrer em diferentes países, motivadas por reformas das administrações públicas no contexto de políticas de emagrecimento das máquinas estatais. Os ajustes e reenquadramentos dos serviços de gestão têm ocorrido, de forma geral, num ambiente de manutenção das redes de museus, pontualmente sinalizado por um reforço orgânico destas últimas, como sucede no caso francês. Os sobressaltos mais significativos advêm de países com maior fragilidade institucional onde as alterações orgânicas mantiveram princípios e objectivos, mas diminuíram meios, o que se repercutiu na delonga ou na diminuição de eficácia da aplicação prática (casos da Letónia e de Portugal). Ainda assim, as potencialidades das redes no cumprimento partilhado de algumas funções museológicas, segundo agrupamentos temáticos e geográficos, ajudam a explicar a sua manutenção como um “núcleo duro” de medidas até agora inalteradas na sua substância. Contudo, da retórica legislativa e programática à acção prática vai toda uma distância que se repercute na diminuição de recursos disponíveis para apoiar os programas correlacionados.

A reflexão sobre estes temas ganharia em dispor de mais estudos sobre a organização e a gestão das redes de museus, bem como sobre a natureza das relações entre os seus membros. Estes estudos lucrariam em abrir-se à comparação com outras redes culturais (redes de sítios patrimoniais, de teatros e de bibliotecas, por exemplo) e à articulação com pesquisas do campo das políticas públicas para museus e de outros subsectores destas políticas nacionais (e.g. a desconcentração e a descentralização, a gestão dos museus nacionais, a digitalização e a circulação de bens culturais) e com a agenda cultural da União Europeia.

No cenário actual de crise económica e de escassez de recursos públicos, as redes de museus podem constituir-se como instrumentos eficazes de apoio à gestão, dadas as possibilidades de interajuda, de partilha de recursos e de criação de economias de escala só esporadicamente experimentadas. Porém, as redes não são panaceias dos tempos pós-modernos. Não basta criá-las, precisam de cuidados e de alimento para não murcharem. Em situações extremas de carência de recursos, a sua eficácia necessariamente diminui. No momento presente, tenho a convicção de que vale a pena continuar a explorar e a aprofundar o paradigma participativo, envolvendo os actores sociais em processos de decisão, seja em órgãos consultivos formalizados, seja em práticas informais de cooperação entre si e com os públicos. Creio que é neste balanço entre o poder colaborativo que as redes representam para os

³ Para uma revisão das redes, parcerias e cooperação na actualidade ver o relatório da Netherlands Museums Association (Bunnik 2013).

profissionais de museu e o envolvimento engenhoso das comunidades que reside o futuro destas formas de organização.

Referências

- Brun, Javier, ed. 2008. *Redes Culturales: Claves Para Sobrevivir en la Globalización*. Madrid: AECID - Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo.
- Bunnik, Claartje, ed. 2013. *Tried and Tested Partnerships: Report by the Asscher-Vonk II Steering Committee*. Amsterdam: The Netherlands Museums Association, Association of National Museums e Network of European Museum Organisations. Disponível em: <http://www.museumvereniging.nl/>
- Castells, Manuel. 2000. "Materials for an Exploratory Theory of the Network Society." *British Journal of Sociology* 51 (4): 5-24.
- DeVlieg, Mary Ann. 2011. "Time for a New Cultural Deal?" In *Networks: The Evolving Aspects of Culture in the 21st Century*, editado por Biserka Cvjetičanin, 247-254. Zagreb: Institute for International Relations Culture Link Network.
- Lameiras-Campagnolo, Maria Olímpia, e Henri Campagnolo. 2002. "O Conceito de 'Rede': Incidências Sobre o Enquadramento e a Coordenação das Unidades Museológicas Portuguesas." In *Actas - Fórum Internacional Redes de Museus*, editado pelo Instituto Português de Museus, 25-39. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Maggi, Maurizio, e Carlos Alberto Dondona. 2006. *Macchine Culturali Reti e Sistemi nell'Organizzazione dei Musei*. Torino: IRES - Istituto di Ricerche Economico-Sociali del Piemonte.
- Pinna, Giovanni. 2004. "Rete e Sistemi Museali." *Nuova Museologia* (10): 26-29.
- Silva, Augusto Santos. 2004. "As Redes Culturais: Balanço e Perspectivas da Experiência Portuguesa, 1987-2003." In *Públicos da Cultura - Actas do Encontro organizado pelo OAC no ICS da Universidade de Lisboa, Lisboa, 24 e 25 de Novembro de 2003*, editado pelo Observatório das Actividades Culturais, 241-283. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.

PERSPECTIVAS

Seguem-se os testemunhos de vários profissionais sobre o processo de criação e desenvolvimento de diferentes redes museológicas no panorama português. Os desafios, as dificuldades, as prioridades e os objectivos são alguns dos aspectos focados.

ICOM PT: Em que fase se encontra a implementação da Rede de Museus do Douro (MuD) e quais são os seus principais desafios?

João Tomé Duarte e Susana Marques, serviços de Museologia do Museu do Douro

A Rede de Museus do Douro surgiu em 2007 pela necessidade de criar uma plataforma de trabalho e colaboração mais próxima e articulada entre diferentes unidades museológicas, públicas e privadas da Região Demarcada do Douro. A rede tem como objectivo construir um projecto cultural partilhado que potencie os recursos técnicos e humanos de cada parceiro e ampliar as condições de que cada um dispõe individualmente.

Em Novembro de 2014 o Museu do Douro promoveu o [III Encontro de Museus do Douro](#) para, em colaboração com os parceiros regionais, definir uma orientação e novas estratégias para o desenvolvimento e implantação da rede. No final do encontro foi criada uma equipa composta por seis elementos que representam as seguintes instituições: Crasto de Palheiros; Museu da Seda/Centro Interpretativo da Calçada de Alpajares; Museu do Douro; Museu do Imaginário Duriense; Museu do Vinho de São João da Pesqueira/Museu Eduardo Tavares; e Museu do Pão e Vinho de Favaio. Esta equipa terá por missão perceber as reais necessidades de uma rede para as instituições museológicas e reformular o regulamento interno da Rede de Museus do Douro, para que este corresponda às reais expectativas de todas as instituições envolvidas. As reuniões ordinárias para o ano de 2015 ficaram agendadas para as primeiras segundas-feiras dos meses de Janeiro, de Março, de Maio, de Agosto e de Novembro.

Acordou-se, ainda, que a rede não deverá ficar circunscrita à Região Demarcada do Douro, mas deverá ter o rio Douro como “espinha dorsal” da sua actuação, promovendo a sua extensão ao *Duero* e ao Porto.

ICOM PT: Quais são as prioridades da recém-criada Rede de Museus e Monumentos (REMMO) da região do Ave e que projectos estão previstos a curto prazo?

Paulo Costa Pinto, gestor de projectos cultura e turismo da Comunidade Intermunicipal do Ave

A Rede de Museus e Monumentos é uma estrutura de cooperação entre estruturas que tutelam museus e monumentos visitáveis (incluindo os da Igreja) na NUT III AVE, num território heterogéneo, formado por concelhos de alta densidade - Famalicão, Vizela e Guimarães, concelhos de média densidade - Fafe e Póvoa de Lanhoso - e concelhos de baixa densidade demográfica - Vieira do Minho, Cabeceiras de Basto e Mondim de Basto. Mais de meio milhão de habitantes convive aqui, cioso dos marcos da sua memória colectiva, pelo menos daqueles que as comunidades entendem como importantes.

Em 2013, estabilizada a legislação relativa às Comunidades Intermunicipais, enquanto estruturas de associação obrigatória dos municípios, correspondendo às NUTS III, surgiu a possibilidade de criar esta organização - a Rede de Museus e Monumentos da NUT III Ave - formalizada em Outubro de 2014, com o objectivo prioritário de promover o inventário do património móvel e imóvel visitável; a formação de técnicos para os museus e monumentos; a progressiva creditação dos museus na Rede Portuguesa de Museus ou pelo menos fazê-los aproximar dos critérios de adesão à mesma; a qualificação da acessibilidade, da visitabilidade e da comunicação de museus e monumentos, tentando que a gestão dos monumentos se aproxime do nível de profissionalismo já patenteado por alguns museus.

ICOM PT: Quais são os objectivos da Rede de Museus do Distrito de Beja (RMDB) e que resultados esperam alcançar no futuro próximo?

Lígia Rafael, Câmara Municipal de Mértola⁴

Em quase todos os municípios do Distrito de Beja existem unidades museológicas, integradas na estrutura organizacional camarária, caracterizadas por uma interessante diversidade temática e museográfica. As necessidades sentidas nas mais diversas áreas levou a que um grupo de técnicos iniciasse o debate em torno de problemáticas comuns, com o interesse de desencadear o processo de criação da **Rede de Museus do Distrito de Beja**. O longo período de discussão culminou, em

⁴ Integra actualmente o grupo coordenador da Rede de Museus do Distrito de Beja.

2011, com a elaboração da Carta de Princípios que formalizou a rede, e que contou com a adesão de vários municípios: Almodôvar, Aljustrel, Alvito, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Vidigueira, Moura, Serpa, Ourique e Museu Regional de Beja.

Os principais objectivos são a qualificação, a valorização, a divulgação, a cooperação, a parceria e a articulação entre as unidades museológicas que integram a rede, a optimização e a rentabilização de recursos e a promoção do rigor, ética e profissionalismo nas práticas museológicas. Neste âmbito, foram desenvolvidas algumas acções com destaque para a elaboração de um folheto conjunto, a criação de um [blogue](#) e a exposição itinerante *Marcas do Território - Testemunhos do Património do Baixo Alentejo*. O [I Encontro da Rede](#), realizado em Janeiro de 2014, constituiu um importante momento de partilha e serviu como ponto de partida para a definição doutras acções e projectos.

ICOM PT: Em que fase se encontra a criação da Rede de Museus Militares do Exército e quais são os principais desafios?

Francisco Amado Rodrigues, tenente-coronel do Exército Português

O Exército Português possui, na sua estrutura organizacional, seis museus militares e cerca de quatro dezenas de colecções militares visitáveis, estando os museus sob a dependência hierárquica da Direcção de História e Cultura Militar e as colecções sob a autoridade técnica.

Os museus militares encontram-se distribuídos geograficamente pelo continente (Bragança, Porto, Lisboa e Elvas) e ilhas (Açores e Madeira). As colecções militares visitáveis beneficiam de apoio próximo do museu militar que abranja o território onde aquelas se insiram. Cada museu militar narra várias temáticas, contribuindo assim para uma identidade e que, a par das colecções, dos edifícios, dos espaços e dos públicos-alvo, configuram a sua vocação.

A gestão integrada e em rede do património cultural requer a implementação de uma estrutura organizacional na Direcção de História e Cultura Militar, a utilização em rede da base de dados InArte Premium, a aplicação de normas processuais e procedimentais, a formação de quadros e a existência de recursos ajustados.

Os desafios à activação da **Rede de Museus Militares do Exército** são: adesão a outras redes (conceito de *rede de redes*); mudança de mentalidade e práticas residentes na gestão de recursos, incrementando a consciência museal; novo paradigma de gestão, transformando o *museu funcional* para *museu processual*, pela introdução das tecnologias de informação e comunicação.

ICOM PT: Quais são as principais dificuldades na implementação da Rede de Clubes de Arqueologia e como têm sido ultrapassadas?

Mário Nuno Antas, coordenador da Rede de Clubes de Arqueologia

A Rede de Clubes de Arqueologia é um projecto do Museu Nacional de Arqueologia criado em finais de 2011, que tem como principal objectivo divulgar as colecções do museu e o património arqueológico nacional, através de um conjunto de iniciativas que passam pela criação de materiais didácticos, de exposições temporárias e de exposições virtuais que estão acessíveis numa plataforma online.

Esta rede pretende que mediadores educativos de museus, professores, alunos e encarregados de educação tenham acesso à informação disponibilizada de todos para todos. Mais do que uma experiência pedagógica inovadora, trata-se de uma forma de conciliar as aprendizagens formais (escola) com as não-formais (museu). No entanto, este projecto tem encontrado algumas dificuldades:

- como os clubes de Arqueologia nas escolas dependem do interesse demonstrado por parte dos professores e dos alunos, existe, por vezes, um problema de continuidade motivada, quer por uma certa instabilidade no corpo docente das escolas, que varia de ano para ano, quer no “poder” que os novos docentes ainda não familiarizados com o projecto têm para motivar os alunos a participarem;
- os diferentes tipos de apoio e as condições que as escolas dão aos clubes de Arqueologia variam com o grau de visibilidade que os mesmos têm junto do conselho executivo de cada escola.

Estas duas primeiras dificuldades tem sido solucionadas caso a caso, promovendo sempre que possível reuniões com os responsáveis dos clubes de Arqueologia e a deslocação às escolas, por parte dos técnicos do museu. Acresce a dificuldade em gerir e colocar online o volume de materiais didácticos produzidos por todos. No início de 2015, a plataforma da **Rede de Clubes de Arqueologia** será reformulada, por forma a possibilitar uma maior interactividade com todos os que nela participam.

ICOM PT: Quais são as principais linhas de força da Rede de Museus do Algarve (RMA)?

José Gameiro, director do Museu de Portimão

A partilha, a interacção e o elevado grau de proximidade entre os profissionais dos museus algarvios representam sem dúvida, alguns dos principais eixos estruturantes da actividade da [Rede de Museus do Algarve](#), a qual acaba por funcionar como uma instância potenciadora da reflexão museológica no contexto regional e na produção de conteúdos inovadores sobre a matriz histórica, social e cultural do Algarve. A formação de cinco grupos de trabalho centrados no património cultural imaterial, na arqueologia, na conservação e restauro, na comunicação e nos serviços educativos constitui um importante instrumento estratégico de apoio e estímulo ao trabalho dos museus e dos seus técnicos, na relação de conhecimento, na valorização e na divulgação do seu território e das suas comunidades.

ICOM PT: Quais são os desafios da Rede de Museus do Algarve, sete anos depois?

Dália Paulo, directora do Museu de Loulé

A [Rede de Museus do Algarve](#) enfrenta hoje novos desafios: a nível interno importa, agora, apostar com maior acuidade na reflexão museológica, transformar os grupos em *centros* de conhecimento com a edição anual de um boletim e a realização de um encontro anual, cada edição dinamizada por um dos grupos. Contudo, o grande desafio centra-se na relação da rede com o exterior, de modo a colocar os museus na agenda regional, a ganhar escala e a ter uma oferta regional complementar, com bilhetes conjuntos, com guias, com a entrada dos museus na era digital, agarrando o desafio do novo Quadro Comunitário como compromisso com a região e com os públicos.

ICOM PT: Em jeito de balanço, que resultados destaca do trabalho desenvolvido pela Plataforma Mouseion?

Ana Mercedes Stoffel, museóloga, Plataforma Fronteiriça Mouseion

Mais de uma década passou desde que foi realizado o primeiro encontro Mouseion numa região transfronteiriça que abraça prioritariamente a Extremadura espanhola e uma boa parte do Alentejo e da Beira Interior portuguesa.

A [Plataforma Mouseion](#) mantém-se como um espaço de partilha e de comunicação não formal, devido sobretudo à dificuldade de concertar legislações e políticas culturais, de um lado e do outro da tremenda fronteira que ainda existe neste âmbito. Daquela primeira partilha entre museus e museólogos e das posteriores (o [V Encontro Transfronteiriço](#) realizou-se entre 12 e 14 de Dezembro de 2014, no Fundão, e foi dedicado à crise nos museus), talvez a conclusão seja precisamente a palavra PARTILHA. Partilha nas novas amizades criadas, na vontade de discussão dos problemas comuns e no desejo de os resolver. Partilha na frustração pela progressiva degradação dos serviços e apoios aos museus que são comuns a ambos os lados da raia. Partilha na constatação da dificuldade em aceder aos recursos financeiros provenientes dos fundos europeus dedicados, pelas quotas de participação própria exigidas. Partilha na dificuldade de manter uma relação regular e eficaz com as universidades.

Partilha sobretudo na paixão e na dedicação aos museus e ao seu património de quem tem vivido com carinho este projecto, na esperança de que as fronteiras, todas, mas especialmente as culturais, desapareçam e nenhum MOUSEION transfronteiriço seja então necessário.

ICOM PT: Como tem sido promovido o trabalho em rede entre os profissionais e os museus da Rede Portuguesa de Museus (RPM)? E que projectos serão desenvolvidos a breve trecho?

Teresa Mourão, chefe de divisão, Museus e Credenciação, DGPC

Desde a sua criação, em 2012, que a DGPC assume a Rede Portuguesa de Museus como um instrumento estruturante da política cultural e da qualificação da realidade museológica nacional. Neste sentido, e apesar da carência de recursos humanos e orçamentais, temos procurado avançar, paulatinamente, mas com bases sustentadas, na articulação da rede e no desenvolvimento das suas linhas

de acção estruturantes, colocando sempre o enfoque no incentivo ao trabalho em rede e à cooperação entre os museus.

Promovemos a reflexão conjunta com os museus sobre o posicionamento estratégico da rede (Encontros RPM 2013). Reforçada a ideia de colaboração mais participada entre os museus da Rede Portuguesa de Museus, é determinante o papel de cada museu como dinamizador da rede.

Para promover o reforço do conhecimento mútuo e da comunicação entre museus, a DGPC assegura a divulgação da **Rede Portuguesa de Museus** através do seu [website](#) e de uma página no [Facebook](#), uma plataforma fundamental para a visibilidade dos museus e da rede mas, principalmente, um espaço de encontro que procura materializar o conceito de funcionamento transversal da Rede Portuguesa de Museus.

Para projectar a afirmação da rede para um plano de colaboração internacional, a DGPC integra o projecto [Registo Ibero-Americano de Museus](#).

O programa de formação RPM 2014 contribui não só para a qualificação dos profissionais dos museus, mas também para estimular o conhecimento e a comunicação entre profissionais, potenciando o estabelecimento de parcerias entre os museus da rede. A DGPC procura enquadrar, como grupos de trabalho RPM, as redes informais que se têm criado espontaneamente entre os formandos e promover a concepção e a implementação de projectos comuns resultantes do espírito de colaboração e de partilha das acções de formação.

ENTREVISTA

Com Gail e Barry Lord

Por Inês Fialho Brandão, museóloga, Twitter: @MuseumsGirl

E Maria Vlachou, museóloga, Blogue Musing on Culture

Gail e Barry Lord não precisam de apresentações. Os autores da bíblia dos profissionais de museus, *The Manual of Museum Planning* - à qual se seguiram outros livros, como *The Manual of Museum Management* ou *The Manual of Museum Exhibitions* - foram convidados a participarem nas [XI Jornadas do ICOM Portugal: Planear e Programar Museus: Criar Conexões, Envolver a Sociedade, Construir uma Visão Cultural Para o Desenvolvimento](#), que se realizaram a 31 Março de 2014.

Poucos dias antes, encontrámo-nos para um café, que rapidamente se transformou em uma hora e meia de conversa absolutamente cativante. Com personalidades como este casal, totalmente empenhadas numa reflexão contínua, sustentável, sobre as práticas dos museus, pode ser difícil não cair numa versão século XXI da *Vida de Brian* e perguntar ao messias para onde ir, o que fazer e como fazê-lo. Nada como Gail e Barry Lord para nos colocarem à vontade e receberem as entrevistadoras como parceiros na reflexão sobre museus, a sua finalidade e o seu futuro.

Apresentamos aqui uma versão condensada da nossa conversa, editada para melhor compreensão.⁵

Inês Fialho Brandão (IFB) e Maria Vlachou (MV) - Como começou a Lord Cultural Resources?

Gail Lord (GL) - Eu era crítica de arte. O Barry [Lord] trabalhava para o National Museum of Canada, em Otava. Na década de 1970, o governo estava a construir muitos museus. Isto envolvia principalmente engenheiros e arquitectos. Não havia ninguém que soubesse realmente de museus, a sua função e o seu papel.

Depois de cinco anos de construção de um serviço governamental de planeamento de museus, num momento em que o governo estava a retirar-se deste serviço, o Barry sugeriu que iniciássemos o nosso próprio negócio. Era arriscado, ele ia deixar um emprego seguro no governo, mas fomos em frente e começámos. No início, éramos só nós os dois.

⁵ A entrevista poderá ser lida em inglês no seguinte endereço:

https://drive.google.com/file/d/0B_CpN6YFsqqQTXlfdjdkS21GYUk/view?usp=sharing.

O primeiro assunto que decidimos abordar foi como planejar um museu. Isso resultou no livro *Planning Our Museums* (1983), publicado em inglês e francês. Partimos do pressuposto de que seria para um público canadiano e trabalhamos com base no ditado: «Nós somos canadenses, não sabemos fazer melhor». Mas, como choveram de todo o mundo pedidos para o livro - que foi o primeiro livro dedicado ao planeamento de museus -, percebemos que o Canadá não estava sozinho. Todos tinham os mesmos problemas: não havia uma metodologia geral, ninguém sabia como fazer.

Barry Lord (BL) - Como os governos de vários países foram reduzindo o seu compromisso com os museus, mas os museus foram-se tornando mais importantes como atracções públicas, começaram a surgir os primeiros projectos de parcerias público-privadas: estas receberam financiamento do governo, mas o Estado não era o único responsável por elas. Em alguns casos, o envolvimento do sector privado permitiu um planeamento melhor.

Desde o início, entendemos que a nossa consultoria privada devia ter uma abrangência internacional, a fim de ser de valor para os nossos clientes [A [Lord Cultural Resources](#) tem cinco escritórios em todo o mundo e emprega 60 pessoas a tempo inteiro]. O conhecimento é transferível; as grandes questões para os museus de todo o mundo são as mesmas. Existe uma necessidade de trabalho sistemático e de métodos de análise.

IFB e MV - Acham que isso foi o início de uma abordagem neoliberal na área dos museus - a sua finalidade, o seu financiamento e a avaliação dos seus resultados?

GL - Os museus tornaram-se nas chamadas instituições da sociedade civil. Essa mudança, que produziu resultados mistos, era inevitável. E porque o sector privado estava envolvido no seu financiamento ou como patrocinador, os museus ficaram mais ligados às condições económicas e sociais à sua volta.

IFB e MV - Quais as tendências globais que identifica no mundo dos museus?

GL - Mais museus estão a transformar-se em instituições da sociedade civil. Essa transição começou nos Estados Unidos e no Canadá, e nós estávamos directamente envolvidos nela quando chegou ao Reino Unido na década de 1980. Desde então, alargou-se e incluiu grandes instituições como o Louvre, o Pompidou e o Prado, entre outros.

Com este desenvolvimento, os museus são mais livres para participar e responder a diferentes financiadores. Se houver apenas o financiamento do governo, a responsabilidade é limitada. O processo político é, por natureza, instável - os ministros vão e vêm e, muitas vezes, eles e as suas equipas não têm nenhum conhecimento do mundo dos museus. Esta é uma transição lenta e pode levar a uma visão empresarial dos museus.

Geograficamente, a construção maciça de museus nas décadas anteriores pode ter abrandado um pouco no Atlântico do Norte - no entanto, no resto do mundo está a construir-se com grande intensidade.

BL - E, certamente, há normas universais - as grandes questões que os museus enfrentam são praticamente as mesmas em todo o lado; um processo sistemático para o planeamento e para a construção de museus é, portanto, perfeitamente possível.

GL - Nós ainda estamos a testemunhar o alinhamento tradicional dos museus num contínuo que vê, por um lado, os museus como "armazéns" e, por outro lado, museus para os quais a sua identidade como lugares de aprendizagem informal é fundamental.

Por um lado, temos museus que promovem o fórum público, um local para a educação não formal, em que não é preciso fazer um exame para se ter acesso. Por outro lado, temos museus ligados à ideia da salvaguarda do património em primeiro lugar, muitas vezes com poucos ou nenhuns recursos dirigidos para outras áreas. Quando estes museus estão sob a gestão de uma agência do governo e ocorrem cortes, acontecem sérias limitações em relação ao que podem fazer. Na década de 1980, Margaret Thatcher responsabilizou os museus do Reino Unido pelo seu próprio orçamento, mas também lhes permitiu manter a receita gerada. Mais tarde, Tony Blair removeu o preço de admissão, mas, nessa altura os museus britânicos já tinham desenvolvido outras fontes de receita (lojas e restaurantes), bem como patrocínios. É claro que essas fontes não substituem inteiramente o financiamento do governo, mas fazem parte de uma base de financiamento misto, que envolve a instituição em todo o sector público e privado para garantir apoios.

BL - Quando os turistas são o público principal, pode fazer sentido cobrar bilhete.

GL - Bem, o Museu Britânico tem entrada livre...

BL - De qualquer forma, existe em todo o mundo uma estrutura muito clara de despesas e rendimentos. Em quase todos os casos, dois terços da despesa é para as colecções. Do lado da receita, cerca de um terço pode vir de bilhetes de entrada, das lojas, de patrocínios e de alugueres - mas não muito mais. O resto é, na maioria dos casos, dinheiro vindo do governo, excepto nos Estados Unidos, onde os museus obtêm 20 a 30% dos juros sobre os seus *endowments* entretanto investidos, provenientes de

donativos e de legados. Vemos esta fórmula de “ $2/3 + 1/3$ ” em todo o lado e tem vindo a substituir em muitos países o financiamento do governo a 100%.

GL - Outra tendência importante é a criação de “museus-ideia”, que não se desenvolvem em torno de colecções. Museus de tolerância, paz, direitos humanos. Eles estão a renovar, a rejuvenescer a ideia do que é um museu.

IFB e MV - Costumam abordar a questão da construção de um museu com uma visão específica sobre a finalidade e função que este deve ter? Ou consideram-se prestadores de serviços que cumprem a visão dos seus clientes?

GL - No que me diz respeito, tudo na vida é uma tensão entre diferentes objectivos - não só a construção de um museu. O papel dos museus é apresentar ideias de forma equilibrada. Promover uma política institucional de colecções, de investigação, de exposição e de educação. Têm que mostrar os dois lados de um argumento. Uma profissão forte deve apoiar a ideia de que os museus devem ser equilibrados e incentivar o público a pensar. Ao mesmo tempo, é preciso que haja forte interesse público pelos museus e existir um *lobby* público a favor deles, o que vai acontecer se os museus estiverem realmente envolvidos nas suas comunidades.

Por exemplo, numa exposição que levanta questões sobre o petróleo e o meio ambiente, o museu deve encorajar as pessoas a pensar: a pesquisa foi bem feita? Está bem apresentada? E, regressando à questão das tendências no mundo dos museus, o público está a participar? Este é outro elemento importante, exposições colaborativas, as comunidades que têm uma palavra a dizer sobre a forma como as exposições são feitas e sobre como o museu se apresenta.

IFB e MV - O que é que o futuro reserva para os profissionais de museus?

BL - Há uma necessidade de defender políticas para os museus dentro da profissão. Nos países que têm associações de museus activas, a profissão desenvolve-se mais rapidamente e atinge um maior grau de profissionalização. As conferências anuais, as reuniões profissionais regulares, aceleram este processo.

As organizações profissionais também devem desenvolver sistemas de auto-regulação de credenciação. Os que trabalham neste campo precisam de sentir que são realmente profissionais. A auto-regulação por profissionais conscientes, envolvidos numa associação profissional, funciona melhor do que a legislação de cima para baixo. Uma profissão forte para um público envolvido, é este o objectivo.

IN MEMORIAM



João Saavedra Machado (1932-2014), *Viver os Museus Com Amor e Discrição*

Por Luís Raposo, arqueólogo, Museu Nacional de Arqueologia

A mera notícia necrológica poderia dizer somente que aos 82 anos de idade faleceu a 4 de Outubro de 2014, na Nazaré, João Loureiro Saavedra Machado, investigador e autor de História, de Arqueologia e de Etnografia, acrescentando talvez que era licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas, tendo sido funcionário do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos (actual Museu Nacional de Arqueologia), entre 1954 a 1972, director do Museu José Malhoa, entre 1972 e 1987, e também director do Museu Dr. Joaquim Manso, desde a sua criação, primeiro em regime de acumulação com o Museu José Malhoa (1976 a 1987) e depois em regime de exclusividade (1987 a 1990). Para cumprir a fórmula da praxe, dir-se-ia ainda que repouse em paz (*requiescat in pace*).⁶

Dizendo isto, dir-se-ia o essencial para uma notícia necrológica. Mas pouco ou nada se expressaria do que efectivamente interessa à cultura nacional em homenagem a alguém que, pela riqueza da sua obra, pela forma discreta como a construiu, constitui um exemplo paradigmático de como se constroem os nossos museus e da frequente grandeza de quem lhes consagra a vida.

Por isso se compreende a “homenagem ao Homem, ao Museólogo, ao Estudioso e à sua Obra” que Matilde Tomás do Couto consagra na *Gazeta das Caldas* (17.10.2014) ao antigo director do museu que agora também dirige. Por isso e pelo mais que ficará dito se entendem também estas nossas linhas, referidas sobretudo ao seu primeiro e mais longo percurso da sua vida de profissional de museu, passado no Museu Nacional de Arqueologia, onde ingressou em 1954 (embora apenas tomando posse de lugar do quadro a 6 de Setembro de 1961) e de onde pediu a exoneração a 1 de Maio de 1972 - por coincidência (ou não) o Dia do Trabalhador.

E era bem de um Trabalhador que se tratava. João Saavedra Machado cumpriu no Museu Nacional de Arqueologia quase todas as funções, inclusive a de director

⁶ Na imagem vê-se João Saavedra Machado na sessão de apresentação do seu livro, *O Forte de S. Miguel Arcanjo: Monumento Histórico-Cultural do Séc. XVII*, a 7 de Agosto de 2009, na Câmara Municipal da Nazaré. Imagem em [Câmara Municipal da Nazaré](#) (adaptada).

interino, durante dois anos, mas sempre com o lugar de auxiliar de naturalista. Nunca chegou a ser admitido em lugar técnico superior, mesmo depois de ter frequentado com êxito o curso de Conservadores de Museu e de o director da altura, Fernando de Almeida, ter insistentemente intervindo superiormente para que fosse aberto o concurso que lhe permitisse ser reclassificado. Dizia Fernando de Almeida imediatamente depois de ter visto partir dois dos seus mais estimados funcionários, sendo um deles Saavedra Machado, em ofício datado de 18 de Maio de 1972, por coincidência (ou não) Dia Internacional dos Museus: «Várias vezes falei no assunto ao Senhor Director Geral para os Assuntos Culturais e até na reunião que teve lugar na Biblioteca Nacional, sob a presidência do Senhor Ministro, tive ocasião de pedir a palavra para expor o caso. Nada conseguimos e o conservador acabou por ir para o Museu das Caldas da Rainha e a bibliotecária para a Biblioteca Nacional». Mesmo assim não desistia e pedia que os ditos funcionários fossem transferidos de novo para o Museu Nacional de Arqueologia, museu «que já teve conservadores (Vergílio Correia, Félix Alves Pereira, Luís Chaves), mas de há tempo que os não tem nos seus quadros. Nunca consegui averiguar porquê, quando se sabe que no museu se guardam cerca de 130 mil peças e a sua biblioteca deve orçar por 18 mil volumes.»

Era assim a vida nos museus: vivida discretamente, sem queixumes públicos, com entrega total, mesmo quando a paga era a da falta de reconhecimento fora e, em certo caso também, dentro de portas. Desta última situação foi aliás também vítima Saavedra Machado no Museu Nacional de Arqueologia, especialmente no período da direcção de Manuel Heleno, a que aliás assistiu com imensa diligência (chegando a assinar “pelo director” alguns dos ofícios mais “politicamente incorrectos” em defesa do museu), assegurando durante anos o dia-a-dia da instituição, isto já para não falar no período difícil em que foi chamado a substituir interinamente o director, depois da reforma deste, ocasião em que mostrou toda a sua ténpera respeitadora da Casa Centenária, da sua história (veja-se a sua obra monumental *Subsídios para a História do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, 1965) e o seu porvir (cabe-lhe, por exemplo, a honra de ter acautelado para o Museu Nacional de Arqueologia o célebre troques de Vilas Boas, obra-prima da nossa ourivesaria castreja, tesouro nacional português).

Dissemos antes: “era assim”. Era ou será ainda assim? Por mim, se o for, que seja pelo menos sem ficarmos calados, posto que afinal vivemos em democracia.

NOTÍCIAS ICOM

Museus e Políticas

Conferência das Comissões Nacionais do ICOM da Rússia, da Alemanha e dos Estados Unidos

Luís Raposo, membro da direcção do ICOM Europa

Integrada no programa comemorativo do 250.º aniversário da criação do Museu Hermitage, teve lugar em S. Petersburgo (Rússia), entre 8 e 12 de Setembro de 2014, a conferência internacional *Museus e Políticas* (*Museum & Politics*), organizada conjuntamente pelas comissões nacionais do ICOM da Rússia, da Alemanha e dos Estados Unidos e na qual participaram cerca de 450 profissionais de museus provenientes de todo o mundo e especialmente da Europa.

Durante a conferência foi inaugurada uma nova ala do museu, dedicada à arte contemporânea, assim como mais um bloco da ambiciosa “cidade do Hermitage”, um complexo de edifícios destinados a reservas e a laboratórios, situados fora do centro da cidade.

Após a sessão solene de abertura, presidida pelo governador de S. Petersburgo e em que também interveio o presidente do ICOM, Hans-Martin Hinz, e bem-assim os presidentes das comissões nacionais do ICOM organizadoras, tiveram lugar as duas conferências iniciais, uma a nosso cargo, enquanto membro da direcção do [ICOM Europa](#) («A Declaração de Lisboa e o Futuro dos Museus»), e de Mikhail Piotrovsky, director-geral do Museu do Hermitage e presidente da Associação Russa de Museus («O Presente e o Futuro do Museu do Hermitage»).

Nos dias seguintes, a conferência funcionou primeiro em plenário e depois em quatro secções, em diferentes museus de S. Petersburgo, tendo sido apresentado um total de várias dezenas de comunicações. A sessão de encerramento, que incluiu um vivo debate sobre o balanço dos dias anteriores e as perspectivas futuras, decorreu no salão central do magnífico Palácio de Tsarskoye Selo, situado nos arredores de S. Petersburgo. Depois de S. Petersburgo, realizou-se ainda uma sessão de trabalho pós-conferência na cidade de Yekaterinburgo, situada nos Urais.



Intervenção de Luís Raposo (na mesa o presidente do ICOM Rússia, Vladimir Tolstoy, e Mikhail Piotrovsky, director-geral do Museu Hermitage e presidente da Associação Russa de Museus)

A nossa intervenção enquanto representante do ICOM Europa constituiu uma espécie de ponto de partida para a reflexão subsequente e foi amplamente saudada, da qual se salientam as seguintes conclusões:

- a) políticas públicas: têm de ser ainda consideradas como cruciais; seria um erro acreditar que o papel dos normativos e das entidades de direito internacional, assim como das políticas e das administrações públicas nacionais foi superado por uma tendência para o liberalismo sentido num número crescente de países e de regiões; se há uma esfera em que o interesse público deve ser enfatizado, é a de memória e de património. Novas estratégias são, no entanto, necessárias para o financiamento. Alguns exemplos já em prática são: os impostos sobre alguns produtos relacionados à cópia privada, as percentagens em lotarias, as relações directas com as receitas do turismo;
- b) *back to basics*: é necessário recentrar estrategicamente os museus naquilo que eles têm de essencial, as colecções e as comunidades;
- c) novas práticas de gestão: autonomia e responsabilidade são os conceitos-chave, que fornecem o enquadramento adequado para promover novos procedimentos gerenciais, susceptíveis de conduzir à busca de novas fontes de financiamento por meio de parcerias, de *merchandising* e de exposições temporárias, incluindo as de tipo *blockbuster* (que são, no entanto, particularmente problemáticas);
- d) reconstruindo o optimismo: cidadania e "mercado" podem ser compatíveis, como é o caso em um número crescente de museus nos Estados Unidos e na Europa, em que a entrada gratuita levou a um aumento significativo no número de visitantes e de visibilidade social, provocando o aumento de receitas de loja, das actividades sociais e da prestação de serviços, nomeadamente de assessoria.

Informações adicionais sobre esta importante conferência podem ser obtidas no [blogue](#) especialmente criado para a preparar e que passará a constituir uma plataforma permanente de discussão: [Museums, Politics and Power | An International Conversation](#).

N. da ed.: Foi também produzido um pequeno vídeo que faz um resumo da conferência e oferece uma panorâmica do evento, incluindo os testemunhos de quem participou, através do [Youtube](#). Luís Raposo é um dos intervenientes, aos 48 segundos. Também estão disponíveis alguns discursos, nomeadamente o do presidente do ICOM Internacional, [Hans-Martin Hinz](#) e de [Herman Shaffer](#), que foi um dos *keynote speakers* da conferência.

Solução Tecnológica Premiada

Festival International de l'Audiovisuel & du Multimédia Sur le Patrimoine (FIAMP) do AVICOM

Mr. Steam and the Train is Our Friend, que resultou de uma parceria entre o Museu Nacional Ferroviário e a empresa Sistemas do Futuro, recebeu a medalha de prata no Festival International de l'Audiovisuel & du Multimédia Sur le Patrimoine (FIAMP) na categoria de audiovisual (*prix du moyen métrage*). O FIAMP é um evento internacional



© Museu Nacional Ferroviário

organizado pelo AVICOM (Comité Internacional para o Audiovisual e as Novas Tecnologias da Imagem e do Som), que desde 1994 distingue anualmente projectos em museus que utilizem as novas tecnologias do som e da imagem. A última edição do festival decorreu a **20 de Setembro** de 2014, na Galeria de Tretiakof, em Moscovo, na Rússia. Conheça a lista de premiados no [website do AVICOM](#) e o vídeo produzido no [YouTube](#)).

Mr. Steam and the Train is Our Friend consiste numa solução tecnológica que tem como objectivo auxiliar o acolhimento de crianças no Museu Nacional Ferroviário, através de um totem interactivo, em que a história dos caminhos de ferro é narrada pela personagem de *Mr. Steam*, em 3D. A tecnologia recorre à realidade aumentada⁷, a modelos tridimensionais virtuais dos comboios da colecção do museu, aos quais acresce informação histórica. No artigo, «*Mr. Steam and “The train is Our Friend”: an Interactive System to Welcome School Children to the Museum*», publicado pela [Museums and the Web](#) (2013), encontra uma descrição mais aprofundada sobre o projecto.

Convidámos o Museu Nacional Ferroviário e a Sistemas do Futuro a partilharem o seu testemunho sobre o prémio que receberam.

“**P**ara o Museu Nacional Ferroviário termos recebido o prémio FIAMP, resultado de uma candidatura conjunta com a Sistemas do Futuro, funciona como um incentivo e motivação para darmos continuidade ao nosso trabalho, nomeadamente o desenvolvimento de novos serviços que contribuam para o conhecimento e reconhecimento do património ferroviário pelos vários

⁷ Nota da ed.: A realidade aumentada é uma tecnologia que permite visualizar elementos reais e elementos virtuais a interagir em tempo real. Veja, por exemplo, o artigo «[British Museum - Augmented Reality: Beyond the Hype](#)», de Shelley Mannion (British Museum) sobre as várias aplicações desta tecnologia nos museus.

públicos. O *Mr. Steam* será utilizado para a recepção de grupos escolares no museu. Assim, de uma forma divertida, conta-se a história dos caminhos de ferro em Portugal e os principais desenvolvimento mundiais, preparando as crianças para a colecção exposta no museu. A aplicação permite ainda às crianças brincar com comboios virtuais modelados em 3D, o que ajuda a compreender os diferentes tipos de tracção e de veículos ferroviários, desde os mais antigos até aos mais modernos.” (Maria José Teixeira, responsável pelo desenvolvimento e gestão de projectos da Fundação Museu Nacional Ferroviário)

“P ara a Sistemas do Futuro esta foi mais uma oportunidade de pôr em prática, num projecto de inovação internacional, todas as premissas que a nossa equipa de profissionais especializados anseia: fazer algo original, utilizando tecnologia de ponta, e apresentar a nossa capacidade de inovação na interacção da tecnologia com os museus, visando uma melhor relação com os seus públicos. Mais do que o reconhecimento internacional, o que nos interessou, neste projecto, foi a criação de uma ferramenta que permitisse ao museu um acolhimento diferenciado e interessante aos seus visitantes. No entanto, juntar a isso o reconhecimento do FIAMP, que já tínhamos conseguido em duas edições anteriores com outros projectos, e a aceitação pelo júri do *Museums and Web* (Estados Unidos) de um *paper* sobre o *Mr. Steam* é importante para a credibilização e promoção do trabalho que temos desenvolvido junto de diversos museus.” (Maria van Zeller, responsável pela área de *design* e multimédia da Sistemas do Futuro)

Museologia Militar

1.º Congresso Internacional

Alexandre Matos, director de formação e investigação da Sistemas do Futuro

O congresso internacional de Museologia militar, organizado numa parceria entre a Direcção de História e Cultura Militar do Exército Português e a Sistemas do Futuro realizou-se entre os dias **24 e 26 de Setembro** de 2014 na Academia Militar - aquartelamento da Amadora, tendo contado com o apoio da Marinha e Força Aérea Portuguesas, da Liga dos Combatentes, da Câmara Municipal da Amadora e da Fundação Dom Manuel II e o patrocínio da Fundação Millennium BCP.

O seu principal objectivo, nas palavras da organização, foi «identificar, caracterizar e perspectivar a Museologia militar, de abrangência local, regional, nacional e internacional, de natureza pluridisciplinar, desde as estruturas organizacionais e diferentes tutelas, passando pela gestão dos vários recursos, até às normas procedimentais e temáticas deste tipo de museus» ([website do congresso](#)). Com este objectivo pretendia a organização do congresso estabelecer um “estado da arte” sobre esta temática específica da Museologia que sustentasse a investigação científica nesta área ou contribuísse para o próprio desenvolvimento dos museus com esta especificidade.

A realização do congresso foi, em si mesmo, um facto digno de nota. O Exército Português, tal como os restantes braços das Forças Armadas, não tem como missão principal a criação de museus ou a sua manutenção. No entanto, por diversos motivos, os diferentes ramos militares portugueses, incluindo a Guarda Nacional Republicana, têm criado e mantido ao longo de muitos anos um conjunto de museus com relevância para a análise da Museologia em Portugal.

O congresso foi organizado por [temas](#), tendo como objectivo incluir no debate a diversidade de situações que podemos encontrar relativamente aos museus e às colecções militares no contexto nacional e internacional.

No primeiro dia, através da apresentação dos casos dos museus de tutela militar e de museus associados a esta temática, mas sem tutela militar, conjuntamente com a reflexão sobre a importância do contributo e das estratégias de trabalho em rede procurou estabelecer-se o contexto inicial a partir do qual se poderá reflectir sobre as especificidades dos museus e das colecções militares em Portugal. A única



Apresentação do ICOMAM pela sua presidente, Eva Sofi Ernstell, 24 de Setembro de 2014, na Academia Militar (Amadora) © Juliana Rodrigues Alves

apresentação de carácter internacional do primeiro dia foi a da presidente do [ICOMAM](#) (Comité Internacional para Museus de Armas e de História Militar), Eva Sofi Ernstell, que apresentou o trabalho deste comité do ICOM e abordou a importância que é dada ao trabalho em rede nos museus desta natureza.

No segundo dia, o foco esteve na apresentação de diferentes contextos internacionais. Em primeiro lugar no contexto específico dos museus militares ou com colecções militares de países de língua oficial portuguesa, através das apresentações de museus militares de Angola e do Brasil, da reflexão feita por Henrique Coutinho Gouveia sobre a situação destes museus em Cabo Verde e de uma panorâmica geral sobre os museus e o património no âmbito da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), deixada pela directora-geral deste organismo, Georgina Benrós de Mello. Na segunda parte deste contexto internacional a organização procurou convidar museus de referência internacional, através dos contributos de Gael Dundas, responsável pelo Departamento de Gestão de Colecções dos Imperial War Museums (Reino Unido), de Pilar Domínguez Sánchez, chefe da área do património na Subdirección General de Publicaciones y Patrimonio Cultural/Ministerio de Defensa de Espanha e de Eva Sofi Ernstell, directora do Armé Museum, na Suécia.

O último tema do congresso não podia esquecer a importância da data em que é realizada e, como tal, centrou-se na discussão, moderada pelo ex-presidente do **ICOM Portugal** (em representação desta comissão nacional), Luís Raposo, sobre o papel dos museus militares na evocação do centenário da Grande Guerra. Neste tema intervieram os responsáveis pelo projecto [Portugal 1914](#), pela Comissão para a evocação da Grande Guerra e pelo projecto [Marking the First World War Centenary: IWM initiatives](#) dos Imperial War Museums.

No última dia foram organizadas visitas ao Museu do Ar (Sintra), ao Museu da Marinha (Lisboa), ao Museu do Combatente (Lisboa) e ao Museu Militar de Lisboa.

Nas discussões ficaram evidentes algumas fraquezas nesta área, como a formação, a rotatividade das equipas, a divergente missão das tutelas militares, mas também algumas forças específicas dos museus desta natureza, como a diversidade das suas colecções, o potencial que representam nos sectores do turismo e cultura e a maior abertura demonstrada pelas tutelas para esta discussão e para o papel que os museus militares poderão desempenhar no futuro destas organizações e na sua aproximação à sociedade.

Debater a Museologia no contexto militar é uma proposta interessante, no entanto, ficou claro, nestes três dias, que o assunto merece ser aprofundado num evento semelhante, que possa partir do ponto de situação agora estabelecido sobre esta matéria.

Não é evidente que se possa utilizar a terminologia “museologia militar” para as especificidades deste sector, no entanto, é óbvio que o contexto militar interfere na

forma como são aplicados os conceitos e as práticas da Museologia nestas instituições. Como o fazer é a questão que fica em aberto.

Nota da ed.: Para uma leitura complementar sugere-se o texto «[Preservar para Quê?](#)» (2014) da museóloga Maria Vlachou sobre museus e colecções militares.

Museologia Comunitária e Sociomuseologia

XVI Conferência do MINOM

Mário Moutinho, membro da direcção do MINOM

A XVI conferência internacional do [MINOM](#) (Movimento Internacional para a Nova Museologia)⁸ decorreu em Havana, entre os dias 6 e 11 de Outubro de 2014, e foi acolhida pelo Conselho Nacional do Património Cultural do Ministério da Cultura de Cuba. Tendo por tema a *Museologia Comunitária e Sociomuseologia*, a conferência reuniu 35 coordenadores de museus municipais e docentes de Museologia cubanos e 25 outros participantes actuando no campo da sociomuseologia vindos do Brasil, do Chile, da Argentina, do Uruguai, de Salvador, de França, dos Estados Unidos, da Estónia, da Holanda e de Portugal.



Programa de visitas MINOM 2014 © Mário Moutinho

A conferência permitiu a apresentação e o debate sobre 18 iniciativas de Museologia comunitária desenvolvidas em diferentes províncias do país, a visita a museus comunitários e a outros museus na região de Havana. Geralmente associados aos municípios, estes museus que resultaram da iniciativa popular, inscrevem-se no quadro de uma política pública definida em 1979 pela Lei 23, que tinha por objectivo promover a criação de museus locais em todos os municípios, através dos quais fosse possível preservar e valorizar o desenvolvimento socioeconómico e cultural. As comunicações de enquadramento permitiram contextualizar o resultado deste processo, e pôr em evidência que estes museus assumiram e continuam a assumir um importante papel do ponto de vista pedagógico, assim como se revelaram factores de sensibilização sobre as questões relacionadas com o desenvolvimento local e a preservação do meio ambiente.

⁸ Nota da ed.: O MINOM é uma organização afiliada do ICOM Internacional. Existe ainda o MINOM Portugal, a secção portuguesa do organismo internacional: <http://www.minom-portugal.org>

A declaração final da conferência, a [Declaração de Havana](#), deu a devida relevância à Lei 23 de 1979, inspirada nas conclusões da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972), a qual continua a ser um documento de referência para a Museologia social. Por outro lado, ficaram abertas as portas para uma mais estreita colaboração entre o MINOM e a Cátedra Regional da UNESCO da Conservação Integral dos Bens Culturais da América Latina e Caraíbas (CRECI), para a promoção de acções de formação e de intercâmbios culturais para promover a Museologia social.

Durante a reunião plenária foi aceite a proposta apresentada pela professora Marcelle Pereira, da Universidade Federal da Rondônia (Brasil), para que a XVII conferência internacional do MINOM se realize em Abril de 2016 na cidade de Nazaré em plena Amazônia (a 8 horas de navegação da capital do Estado Porto Velho). Trata-se de acompanhar durante uma semana o projecto local de Museologia comunitária, sendo que o tema aglutinador da reflexão museológica terá por contexto “A Terra em Crise”/Earth Crisis.

A Autenticidade na Conservação das Residências Históricas e dos Palácios-Museus

Conferência Anual do DEMHIST

Maria de Jesus Monge, directora do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança

Por ocasião da conferência anual do [DEMHIST](#) (Comité Internacional para Museus em Casas Históricas), o Palácio de Compiègne, a norte de Paris, recebeu, de 7 a 10 de Outubro de 2014, mais de uma centena de profissionais e estudantes de Museologia, interessados pelas questões que coloca a busca de autenticidade em espaços históricos (*Authenticity in the Conservation of Historic Houses and Palace-Museums*). O assunto tem vindo a despertar interesse e debate acalorado nas últimas décadas e esta reunião foi aproveitada para conhecer opções e resultados, impacto nos públicos e nas instituições.



DEMIST 2014, Palácio de Compiègne © Roberto Andreu

A necessidade de uma discussão alargada de critérios e o conhecimento de experiências em curso, motivaram a opção de realização de uma conferência conjunta entre a Association des Résidences Royales Européennes (ARRE) e o DEMHIST. Esta parceria nasceu naturalmente, já que a primeira funciona a nível institucional e

a segunda congrega indivíduos e instituições, numa justaposição que, em vários casos, resulta na pertença a ambas as estruturas.

Estabelecer teias de contactos, investigar com base em parcerias multidisciplinares, projectar através da potenciação de interesses convergentes entre entidades diversas, são ferramentas cada vez mais utilizadas pelas instituições museológicas contemporâneas. Explorar novas possibilidades é, mais do que um desafio inovador, uma evidência irrefutável, cujos contornos vamos ampliando constantemente.

Os museus são pontos de encontro, lugares de interrogação e reflexão, e os profissionais da área vivem o desafio permanente de corresponder às solicitações de espaços, de colecções e de públicos. Frequentemente, e os palácios ocupados pela realza são disso exemplo, sobrepõem-se cronologias que forcem escolhas. As casas/residências museus concentram estes diferentes níveis interpretativos, razão porque a noção de autenticidade assume uma importância central.

Os quatro dias da conferência repartiram-se por quatro painéis de reflexão: 1) «Reconstrução, Restituição, Restauro: uma Questão de Arquivos», com contribuições da Rússia, da Polónia, da República Checa, da França e da Suíça; 2) «O Espírito dos Lugares», abordado por profissionais de Itália, dos Países Baixos e do Reino Unido, incluindo uma comunicação de Sarah Staniforth, presidente do International Institute for Conservation of Historic and Artistic Works do Reino Unido; 3) «Conciliar Autenticidade e Museografia», tema tratado por profissionais da Alemanha e de Espanha; e 4) «Desafios e Teorias», depois de uma interessante palestra sobre décadas de trabalho no Palácio de Fontainebleau (por Jean-Pierre Samoyault), foram apresentadas experiências de Chambord, de Versalhes e de Trianon, bem como do Reino Unido, da Alemanha e da Turquia, rematados pelos estimulantes contributos de Linda Young e de Alexandre Gady.

As experiências apresentadas foram completadas por um intenso programa de visitas (Compègne, Pierrefonds, Chantilly, Fayel) que culminou com uma jornada no Palácio de Versalhes. No sábado, dia 11, foi ainda possível visitar os palácios de Fontainebleau e Champs-sur-Marne.

A teia que uniu palácios reais, residências aristocráticas, casas comuns, recenseou questões semelhantes, particularmente no tocante ao olhar do visitante. Os Historic Royal Palaces britânicos apresentaram inclusive, no *workshop* moderado pelo director-geral, Michael Day, o resultado de um trabalho com visitantes orientado para a percepção da autenticidade e a respectiva importância para a fruição e valorização da experiência de visita.

O peso da reflexão académica, desenvolvida por professores e alunos de numerosas universidades e institutos, revelou a actualidade do tema e a transversalidade das reflexões que origina.

Portugal esteve representado por um grupo invulgarmente numeroso de profissionais, representantes dos Palácios Nacionais da Ajuda, de Mafra, de Queluz e de Sintra, do Museu João de Deus (Lisboa) e do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança (Vila Viçosa). Este encontro contou ainda com a presença do presidente do ICOM, Hans-Martin Hinz, que participou na sessão do dia 9 de Outubro. No mesmo dia, na assembleia-geral, realizaram-se as eleições para os novos [corpos gerentes](#).

Nota da ed.: Da direcção do DEMHIST faz parte a portuguesa Elsa Catarina Rodrigues (Museu João de Deus) na qualidade de secretária-tesoureira.

Pode consultar, ainda, o [resumo](#) da conferência (em inglês) e os [abstracts](#) das comunicações (em inglês e francês).

Quadratura do Círculo, Investigação, Museus e Público

Conferência Anual do CECA

Mário Nuno Antas, correspondente nacional do CECA

Pela primeira vez, dois comités internacionais do ICOM, o [CECA](#) (Comité Internacional para a Educação e a Acção Cultural) e o [UMAC](#) (Comité Internacional para os Museus e Colecções Universitárias), decidiram unir esforços e organizar uma conferência conjunta na excepcional Biblioteca de Alexandria, no Egipto. Esta conferência decorreu entre os dias **9 e 14 de Outubro** de 2014 sob o tema geral



Participantes do encontro © [CECA](#)

Quadratura do Círculo? Investigação, Museus e Público (Squaring the Circle? Research, Museum, Public: A Common Engagement Towards Effective Communication).

A educação nos museus é considerada, actualmente, como uma das funções essenciais de um museu. Mas como é que as várias mensagens são concebidas para o público? Onde é que o papéis dos investigadores, dos curadores e dos educadores se encontram? Como cada um vê o seu papel como mediador? Como operar o encontro “mágico” que permitirá a qualquer visitante compreender os assuntos mais difíceis e ser capaz de desfrutar dos objectos e das obras de arte expostas nos museus?

Sob a égide destas questões reflectiram mediadores e educadores representantes de vários continentes. A ideia transversal a todo o encontro passou pela consciencialização por parte dos profissionais de educação em museus de que a informação cientificamente correcta deve ser disponibilizada ao público, através de uma comunicação adequada a cada realidade.

Neste sentido, o primeiro dia foi consagrado a uma pré-conferência com *workshops* e várias reuniões. Decorreram dois *workshops* em paralelo, um em língua inglesa e o outro em língua francesa, nomeadamente: «*How to Translate Scientific Knowledge to the Public Without Dumbing Down?*» por Birte ten Hoopen, do Rijksmuseum (Holanda); e «*Comment Transmettre un Message Scientifique par le Biais d'Activités Éducatives?*» por Marie-Cécile Bruwier, do Musée Royal de Mariemont (Bélgica). Neste dia decorreu ainda o encontro da direcção do CECA e a reunião com os correspondentes nacionais.

A conferência teve o seu início oficial no dia 10 de Outubro com as intervenções protocolares, seguidas de uma primeira sessão de trabalho dedicada ao tema da comunicação. Esta sessão contou com a moderação de Nicole Gesché-Koning (Université Libre de Bruxelles e Royal Art Academy). Nesta sessão foram apresentadas as seguintes comunicações:

- Rakel Petursdottir: «*No “Messages” without Communication*»;
- Suzan Kamel: «*Reach in to Reach Out! Strategies on the Way to an Inclusive Museum*»;
- Keiko Kuroiwa: «*Collaborative Approach to Create Communicative Learning Environment*»;
- Emma Nardi: «*Cultural Mediation in Museums as Narrative Form*»;
- Colette Dufresne-Tassé, Marie-Clarté O'Neill & Dominique Marin: «*Quand la Médiation Offerte par un Conservateur, Est-elle Pleinement Efficace?*»;
- Lucie Daignault: «*L'évaluation Comme Outil de Médiation*».

A primeira sessão de pósters foi coordenada por Giuseppe (Pino) Monaco, do Smithsonian Center for Learning and Digital Access da Smithsonian Institution (Washington, Estados Unidos). Foram apresentados 12 posters de experiências educativas em museus de vários continentes. A segunda sessão de posters foi coordenada por Arja Van Veldhuizen (Landschap Erfgoed Utrecht, Holanda), na qual foram apresentados mais 13 pósters, em que se destaca o trabalho apresentado pelas colegas brasileiras, Viviane Wermelinger Guimarães e Marília Xavier Cury, intitulado «*Exhibitions As a Space to Build Partnership*».

Por último, foi decidido que o próximo encontro do CECA será realizado na Smithsonian Institution (Estados Unidos), entre 17 e 22 de Setembro de 2015.

Nota da ed.: O [programa](#), as notas biográficas dos conferencistas, assim como os resumos das comunicações podem ser consultados no [website](#) do [CECA](#).

A Cultura em Crise: Elaboração de um Caderno Reivindicativo

No dia **20 de Outubro** de 2014, o ICOM Portugal participou, a convite do Bloco de Esquerda, promotor da iniciativa, no debate *A Cultura em Crise: Elaboração de um Caderno Reivindicativo* que se realizou na Assembleia da República.

A intervenção do ICOM Portugal realizou-se no âmbito do painel sobre «Património e Equipamentos Públicos», em que também marcaram presença a Associação Portuguesa de Museologia (APOM), a Acesso Cultura, a Arteemrede e a Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (APBAD). O ICOM Portugal, através do seu presidente, José Alberto Ribeiro, transmitiu algumas preocupações relativamente aos desafios actuais para a cultura. A precariedade de meios financeiros vivida no sector museológico português, a necessidade de concertação relativamente ao novo modelo de gestão do eixo Belém-Ajuda e o orçamento de Estado para a Cultura para 2015 foram alguns dos aspectos focados. O discurso de José Alberto Ribeiro transcreve-se, em baixo:

«E agora museus?

No todo das funções museológicas e do seu cumprimento, as questões da gestão museológica e dos recursos humanos impõem-se como as preocupações fundamentais na conjuntura actual, de forma a conseguirmos colocar os museus na agenda política e social. Enquanto entidade especializada e independente, pretendemos promover a discussão dos assuntos da actualidade museológica, com vista a que as tomadas de decisão do ICOM Portugal possam resultar de uma visão alargada dos profissionais de diferentes museus que a compõem.

A maioria dos museus em Portugal, com especial destaque para os dependentes das finanças do Estado central ou local, são instituições pobres sem recursos para renovar as suas exposições, o seu corpo técnico e campanhas de divulgação para a captação de novos públicos e promoção da própria instituição. Para além desta situação, nos últimos anos, muitos museus foram avaliados mais pelo número de visitantes do que pela qualidade das suas acções, sendo notório o esforço dos profissionais dos museus na criatividade, no estudo e na conservação dos mais variados acervos que representam a nossa identidade. Na grande maioria os “museus bons” são os geradores de receita e os “museus maus” os que pouca receita geram, logo incómodos para os decisores políticos.

No momento em que se fala, unilateralmente por parte do Governo, da criação de um eixo de museus com autonomia para a zona Belém-Ajuda, continuamos sem saber que modelo de gestão está pensado para esta zona, nomeadamente se se trata de uma



unidade de direito privado, qual o grau de autonomia de cada unidade, se são mantidas as equipas técnicas, ou se os profissionais dos museus continuam agentes do Estado?

No caso deste projecto avançar, a DGPC perde as “jóias da coroa” em termos de receita - o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém - que permitem o equilíbrio financeiro do restante conjunto. O que está pensado como compensação desta situação? A Secretaria de Estado aumenta o financiamento dos outros museus?

A avançar um modelo destes, provavelmente haverá uma revisão da orgânica da Presidência do Conselho de Ministros na área da cultura, criando uma nova direcção geral ou instituto público só para aquela zona. Tal situação poderá trazer vantagens financeiras para os museus e monumentos, mas qual a autonomia de cada museu neste novo enquadramento e o trabalho das sua equipas?

Os museus da administração central deixaram de ter qualquer grau de autonomia, deixaram de ter mapas de pessoal e orçamentos próprios, deixaram até de possuir número de contribuinte, sendo-lhes impossível a adjudicação directa de quaisquer serviços. As Direcções Regionais de Cultura passaram a definir a política de vários museus, passando em vários casos o director ao lugar de coordenador e a ter que seguir dois museus com realidades distintas e geograficamente distantes. Estranha situação para os museus do Estado quando obriga os museus municipais a seguir a Lei-Quadro dos Museus Portugueses, aprovada por unanimidade na Assembleia da República, que impõe um corpo técnico, com director, etc.

E agora com o novo orçamento para 2015?

Aparentemente, a dotação orçamental para a cultura, na proposta apresentada pelo Governo, é de 219,2 milhões de euros, o que representa um acréscimo de 20,4 milhões em relação ao Orçamento de Estado anterior. Mas “só” o Centro Cultural de Belém, agora parte integrante deste orçamento, consome 15 dos 20 milhões do suposto acréscimo. Continuamos pois sem alternativas para os graves problemas da realidade museológica nacional e sem um debate alargado com os intervenientes que importa ouvir.»

Museus e Gestão: Novas Pontes Para a Sociedade

Encontros de Outono do ICOM Portugal

José Picas do Vale, investigador do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Decorreu no passado dia **31 de Outubro** de 2014, no Museu Municipal de Portimão, a edição deste ano dos Encontros de Outono do ICOM Portugal, subordinada ao tema *Museus e Gestão: Novas Pontes Para a Sociedade*.

O encontro contou com a presença de algumas dezenas de participantes e com o seguinte conjunto de oradores convidados: Wim De Vos (conselho executivo do ICOM); Clara Frayão Camacho (museóloga, DGPC); José Pedro Sousa Dias (director dos Museus da Universidade de Lisboa); Susana Soto (directora do Museu San Telmo, San Sebastián) e Karnele Barandiaran (área de desenvolvimento e públicos, Museu S. Telmo); José Gameiro (director do Museu de Portimão); e Paulo Costa Pinto (gestor de projectos de cultura e turismo da Comunidade Intermunicipal do AVE).



Encontros do Outono ICOM Portugal © José Picas do Vale

Wim De Vos socorreu-se de um conjunto de museus galardoados nos últimos anos dentro do universo do [European Museum of the Year Award](#), para ilustrar o que de mais relevante e inovador se tem produzido no panorama museológico europeu, em cinco áreas que considerou fundamentais em matéria de inovação: a criação de relações fortes com as comunidades, a inclusão e a acessibilidade, as novas abordagens temáticas, os desafios da globalização e, por fim, a utilização de novas tecnologias.

A importância do vínculo entre museus e comunidades, lembrou, é algo que, no seio do ICOM internacional, podemos encontrar formalmente expressa na [Resolução de Stavanger](#) de 1995, até à, mais recente, [Declaração de Xangai](#), de 2010, com o mote *Museums for Social Harmony: Museums for Development*.

Esta preocupação, que não é antiga, tem suscitado novas tentativas de abordagem. Foram apresentados exemplos de soluções assentes em reflexões de natureza sociológica (Museum of Liverpool, em Inglaterra; Riverside Museum, em Glasgow, na Escócia) numa abordagem estritamente histórica à questão do “conflito”, sobretudo de índole religiosa, integrando na praxis museológica a participação de comunidades de diferentes origens culturais (p. ex. Mörike Museum, em Cleversulzbach, na Alemanha); ou num combate à dicotomia pós-modernista centro-periferia, combinando a produção artística contemporânea com a produção de artesanato

tradicional, com o propósito de fixar populações e impedir a desertificação de um determinado território (p. ex. Baksi Müzesi, em Bayburt, na Turquia).

Relativamente às questões de acessibilidade e de inclusão, foram abordadas as boas práticas do Waterford Historical Museum (Irlanda), do Museu da Cidade de Graz (Áustria); do Museu da Baleia (Funchal); e do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha. A tónica foi colocada nos programas desenvolvidos especificamente para públicos com deficiência, o que nos remete para a convicção, cada vez mais presente, de que estas matérias continuam a necessitar de uma visão integrada, cujo âmbito transcende o enquadramento que tradicionalmente lhe vem sendo dado.

A questão das novas tendências temáticas evidenciou o enfoque que, nos últimos anos, as questões que Wim De Vos apelidou de “património difícil” (*difficult heritage*), relacionadas com o colonialismo, o pós-colonialismo, a segregação racial, a perseguição religiosa e o pós-Holocausto, têm merecido a nível mundial. Referiram-se exemplos na África do Sul, na Austrália, no Japão, na Bélgica e nos Balcãs.

O desafio colocado pela globalização foi apresentado como um bom pretexto para que os museus assumam os seu papel de ferramenta privilegiada para o conhecimento do mundo e de plataforma prospectiva, trabalhando uma antevisão do futuro nas suas múltiplas vertentes. O Rautenstrauch-Joest Museum, em Colónia (Alemanha) foi apresentado como um excelente exemplo na utilização das suas colecções (de etnografia) para promover uma reflexão sobre as práticas do dia-a-dia contemporâneo e sobre aquilo que, como seres humanos, nos aglutina na alteridade.

No que concerne às questões decorrentes da utilização de novas tecnologias foram apresentados os exemplos do Cleveland Museum of Art (Estados Unidos) e do Brooklyn Museum, em Nova Iorque (Estados Unidos), instituições museológicas que recorrem ao virtual como processo para melhor explicar o real.

Cremos ter ficado bem patente a distinção evidente entre estes dois domínios. Parece-nos que a pertinência do museu num mundo cada vez mais virtual continuará a residir, entre outros aspectos, na sua capacidade de se assumir como ponto de encontro entre pessoas reais e objectos reais, e no papel de agenciamento que desempenha nos processos de objectificação da cultura e de patrimonialização, como ficou, mais tarde, bem patente na apresentação do [PRISC](#) (Portuguese Research Infrastructure of Scientific Collections/Infra-estrutura Portuguesa de Investigação de Colecções Científicas), efectuada por José Pedro Sousa Dias.

Os desafios que se colocam actualmente às redes e aos sistemas de credenciação de museus constituíram a reflexão que nos foi apresentada por Clara Frayão Camacho. Foi proposta a ideia de que o futuro deverá passar por um equilíbrio entre três das vertentes funcionais dos museus: a gestonária, a patrimonial e a social. Os sistemas reticulares, por se tratarem de formas orgânicas de relacionamento externo, devem ser entendidos como oportunidades de abertura a novos parceiros, quer pares quer

entidades terceiras, e de possibilidade de participação das comunidades, num processo que permite ampliar a cooperação com a envolvente.

As virtudes do paradigma participativo que está subjacente à noção de rede e para o qual é necessário reinventar novas formas de funcionamento e de articulação, foram igualmente evidenciadas pelo testemunho do anfitrião do encontro, José Gameiro.

Susana Soto e Karmele Barandiaran, apresentaram o caso do Museu San Telmo, em San Sebastián (Espanha), o museu mais antigo da comunidade Basca. Um processo de reformulação museológica realizado entre 2005 e 2011, transformou um museu de etnografia e arte num museu de sociedade, testando um novo modelo de gestão, que apresenta soluções inovadoras, quer em relação à utilização dos equipamentos, quer em relação aos recursos humanos e às soluções financeiras. A alteração da sua missão resultou do trabalho de reflexão acima referido e teve como conceitos-chave: a contemporaneidade; a multidisciplinaridade; e o trabalho em rede.

Este interessante caso de estudo, que não cabe aqui descrever com o grau de pormenor que mereceria, deixou evidente que, por paradoxal que tal nos possa parecer, muitas das soluções que surgem como inovadoras e marcantes, não deixam, ainda assim, de assentar numa sustentabilidade frágil e precária a múltiplos níveis.

A comunicação apresentada por Paulo Costa Pinto trouxe à discussão um caso prático que evidenciou a diferença entre aquilo que são as soluções discutidas e preconizadas pelos profissionais de museus e o que, na realidade, se verifica no terreno da gestão e decisão políticas relativamente ao património.

A capacidade reivindicativa dos museus depende em muito da sua capacidade participativa. Há, portanto, que continuar a promover o debate e a fazê-lo de modo descentralizado, quer levando as discussões para fora dos habituais centros de decisão, quer chamando à própria discussão outros agentes que não apenas os profissionais de museus.

É com esta nota que terminamos, aproveitando para saudar vivamente a nova direcção do ICOM Portugal e o Museu de Portimão pela realização deste encontro que, cremos, cumpriu plenamente os objectivos que para ele haviam sido previamente traçados.

Nota da ed.: No *website* do [ICOM Portugal](http://www.icom-portugal.org) pode aceder às sinopses, às notas biográficas dos conferencistas, às imagens do evento e a algumas das apresentações entretanto disponibilizadas.

Espaços Incertos: Configurações Virtuais nos Museus e na Arte Contemporânea

Conferência Internacional do Projecto unplace

Raquel Pereira e Rita Xavier Monteiro, bolsistas do projecto unplace

Como pensar o virtual nos museus e na arte contemporânea? Esta questão-chave motivou a conferência internacional *Espaços Incertos: Configurações Virtuais nos Museus e na Arte Contemporânea* (*Uncertain Spaces: Virtual Configurations in Contemporary Art and Museums*), que decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, nos dias **31 de Outubro e 1 de Novembro** de 2014. A conferência juntou investigadores, curadores e artistas que discutiram o impacto das tecnologias digitais na criação artística e debateram os desafios que estas colocam aos museus, nomeadamente ao nível da sua exposição e recepção.



Apresentação de Rita Sá © João Domingos

A conferência foi organizada no âmbito do projecto de investigação unplace - “Um Museu Sem Lugar: Museografia Intangível e Exposições Virtuais”, uma parceria institucional entre o Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e o Programa Gulbenkian Próximo Futuro, com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.⁹

A pesquisa do projecto unplace incide sobre o campo das exposições de arte contemporânea, produzidas para contextos virtuais e em rede, apontando inovadores modelos expositivos e curatoriais. Em particular, e com o objectivo de problematizar o conceito de “museografia intangível”, examinam-se propostas alternativas aos modelos expositivos, em que predomina a transposição/cópia do físico para o ambiente virtual, reduzindo e simplificando este universo. Num museu sem lugar, o virtual potencia trabalhos artísticos de cariz diverso, implicando experiências de recepção que, muitas vezes, se impõem activas e participadas. Em torno destes espaços incertos, o enfoque da investigação unplace divide-se entre o estudo das obras de *Internet Art* e uma reflexão sobre as metodologias apropriadas para a sua exposição, conservação e teorização.

⁹ O projecto unplace é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através do Orçamento de Estado (Ref. EXPL/CPC-EAT/1175/2013).

Neste sentido, a conferência *Espaços Incertos* privilegiou uma abordagem alargada a questões museológicas e artísticas e às suas várias ramificações dentro das infinitas possibilidades do digital.

O [programa](#) incluiu a participação de três oradores convidados: Annet Dekker, curadora independente e investigadora no Instituto Piet Zwart (Roterdão) e na Tate Modern (Londres); Giselle Beiguelman, artista, curadora e professora na Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; e Juan Martín Prada, professor da Universidade de Cádiz. Destaque-se também a presença de Alexandra Bounia, investigadora da equipa [unplace](#) e professora na Universidade de Aegean (Grécia), e János Tari, presidente do [AVICOM](#) (Comité Internacional do ICOM para o Audiovisual e as Novas Tecnologias da Imagem e do Som) e consultor do projecto.

Os quatro painéis temáticos agregaram comunicações diversificadas, seleccionadas através de uma chamada de propostas lançada em Junho de 2014. No primeiro dia, Annet Dekker deu o mote para a sessão «*Online Collections, Archives and Databases*», questionando como as instituições estão a lidar com uma arte cada vez mais “processual”. Nas apresentações seguintes salientaram-se projectos com origens e perspectivas distintas, que exemplificaram como a internet permite reformular as ideias de arquivo e de rede.

O painel «*Virtual Museums and Exhibitions*» explorou categorias da museografia virtual, encerrando com Giselle Beiguelman, que discutiu a estética das ruínas e a rápida obsolescência da tecnologia. No segundo dia da conferência, Juan Martín Prada analisou a evolução da curadoria da *Internet Art* dos anos 90 até à actualidade, tema depois ampliado na sessão «*Digital and Internet Art*». O encontro culminou com o painel «*Network Cultures, Politics and Participation*», centrado no carácter sociológico e político do museu, questionando as noções de comunidade, de poder e de influência.

No seu conjunto, as várias comunicações identificaram interrogações complexas e ainda em aberto, que necessitarão de um aprofundamento teórico por parte da comunidade científica. Como próxima etapa, o projecto [unplace](#) pretende compilar os artigos dos conferencistas num *e-book*, que contará também com novas contribuições para a investigação em curso.

Como Viver em Conjunto numa Europa Sustentável - Os Museus em Busca da Coesão Social

Conferência Anual da NEMO

Clara Frayão Camacho, museóloga, DGPC

A NEMO (Network of European Museum Organizations) organizou a sua conferência anual em Bolonha, de **6 a 8 de Novembro** de 2014, dedicada ao tema *Como viver em conjunto numa Europa Sustentável - Os Museus em busca da Coesão Social* (*Living Together in a Sustainable Europe - Museums Working for Social Cohesion*). Participámos neste encontro, em representação da DGPC e do ICOM Portugal, que são respectivamente membro pleno e membro associado da NEMO.



Siebe Weide na abertura da conferência
© [NEMO](#)

O [programa](#) da conferência repartiu-se por quatro painéis: 1) dimensão política; 2) dimensão do sector museológico; 3) dimensão dos museus; 4) visões e conclusões. O leque de oradores foi muito variado, abrangendo designadamente a eurodeputada britânica Julie Ward; o director da Unidade “Cultura e Criatividade” da Comissão Europeia, Michel Magnier; a coordenadora da Rede de Museus dos Balcãs, Aida Veciz; e presidentes de associações e directores de museus. As conferências e a discussão nos painéis foram complementadas por testemunhos de representantes de seis países convidados, entre os quais Portugal. Nessa ocasião foi apresentada uma visão geral do cumprimento da missão social dos museus portugueses e evidenciado um exemplo de boas práticas no campo social, o Museu do Papel Moeda (Fundação Dr. António Cupertino de Miranda, Porto), que integra a Rede Portuguesa de Museus.

Entre a diversidade de matérias abordadas em relação com o tema dos museus e da coesão social, sublinha-se o enfoque nos desafios colocados às sociedades actuais, quanto às mudanças ambientais, à redução da participação democrática, aos receios da imigração, à globalização e às respectivas alterações do poder económico. Face a estes desafios, o tom predominante foi o de os museus encontrarem respostas baseadas na cooperação, na participação das populações e na mudança de paradigma: de instituições voltadas para os visitantes para instituições baseadas nos cidadãos e nas comunidades.

Um exemplo prático de cooperação interinstitucional foi dado pela Associação de Museus Holandeses, relatando o processo de formação de uma comissão constituída por dez directores de museus nacionais e regionais, da qual resultou o relatório [Tried](#)

and Tested Partnerships, publicado em língua inglesa em 2014. Este documento reporta 25 exemplos de cooperação entre museus ou entre estes e outras instituições, constituindo um guia para um programa actualmente apoiado pelo Ministério da Cultura na promoção e estímulo à cooperação.

No dia 8 de Novembro de 2014 teve lugar a assembleia-geral anual da NEMO que aprovou o relatório de actividades e financeiro de 2014 (até 31-10) e as linhas gerais do plano para 2014-2017. A novidade mais relevante foi a confirmação da obtenção de financiamento da União Europeia no valor anual de 136 000 € para os próximos três anos.

Na assembleia-geral teve lugar a eleição de um novo membro para a comissão executiva, Dragos Neamu, director da Rede Nacional de Museus da Roménia. Por outro lado, embora mantendo-se nesta comissão, Siebe Weide, presidente da Associação Holandesa de Museus, cedeu o lugar de presidente da NEMO a David Villaume, presidente da Associação Suíça de Museus.

Algumas das comunicações dos oradores já estão disponíveis no *website* da [NEMO](#).

40 anos Depois de Abril. Que Cidadania? Que Museologia?

Jornadas do MINOM Portugal Sobre a Função Social do Museu

Emanuel Sancho e César Lopes, membros da direcção do MINOM Portugal

Realizou-se em Moura as XVI Jornadas Sobre a Função Social do Museu (7 e 8 de Novembro de 2014) organizadas pela secção portuguesa do [MINOM](#) (Movimento Internacional para uma Nova Museologia) e que foram dedicadas à reflexão sobre “a cidadania que exercemos e a Museologia que praticamos 40 anos depois de Abril”. O MINOM culmina um período de intensa actividade iniciada com a realização da sua XVI conferência internacional dedicada ao tema *Museologia Comunitária e*

Sociomuseologia (Cuba, 6-11 Outubro), e onde também se comemoraram os 30 anos do MINOM. Seguiu-se a 18 de Outubro, no Museu da Guarda, o encontro de Outono do Núcleo de Oralidade, Memória e Esquecimento subordinado ao tema *Por Terras de Contrabando: Memórias na 1.ª Pessoa*. Destas reuniões e dos debates realizados foi dado conta nas intervenções que lhes foram dedicadas ao longo das jornadas (cf. [programa](#) das jornadas de Moura).



Programa de visitas aos espaços museológicos de Moura, 7 de Novembro 2014 © MINOM Portugal

Sobre a reunião de Moura do [MINOM Portugal](#), em particular, importa referir a oportunidade da sua realização e a proposta de continuação destes debates para além das fronteiras das jornadas em contextos onde a Museologia se prenda ao território, às populações e aos seus patrimónios e identidades e a uma perspectiva de desenvolvimento sustentado.

Na definição dos caminhos do desenvolvimento, refere-se a necessidade de convocação de memórias, da identificação de patrimónios que sirvam de referente e até de alavanca de processos. Os museus poderão ajudar através da fixação destes factores de identidade e do serviço ao devir de que cada comunidade deter a consciência de si e a assunção do poder de saber identificar necessidades e de lutar pela sua superação.

Do final do debate realizado em Moura, foi aprovada a Declaração de Moura, que se transcreve:

«40 anos depois de Abril de 74, os participantes nas XXII Jornadas sobre a Função Social do Museu, [...] entendem que se verifica uma tendência de retrocesso na Museologia portuguesa, constituindo a expressão de um processo mais amplo de empobrecimento da população e concentração do capital, que afecta tanto a sociedade portuguesa como a mundial. Reconhece-se a instrumentalização de museus para a reprodução de poderes instituídos, exercida em versões simplistas de “marketing político”.

As áreas culturais e a Museologia em particular estão sendo condicionadas negativamente por tutelas que são contraditórias entre o discurso e a sua prática. A Museologia desenvolvida em Portugal com a tutela dos municípios, a que está mais próxima do maior número de pessoas, tem vindo a revelar-se, de forma crescente, irrelevante para as populações e para o aprofundamento da democracia.

Uma Museologia Social que encoraja a consciência política como prática corrente, o exercício da cidadania, o espírito de iniciativa e a participação das comunidades, encontra, cada vez mais, dificuldades de afirmação. Assim, os museus, que devem estimular o livre pensamento, o debate e participação cidadã das suas comunidades, estão eles mesmos esmagados por hierarquias autoritárias que os condicionam e minorizam. Estas condições levam à precariedade, desmotivação e desresponsabilização.

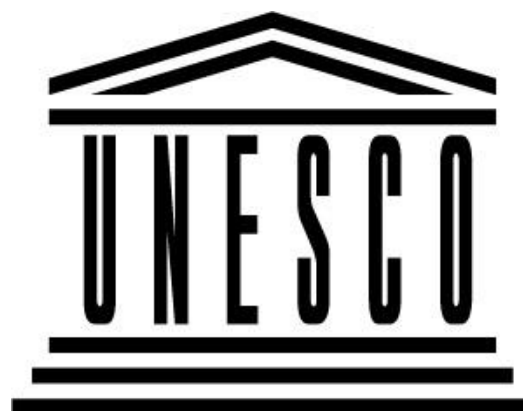
- recomenda-se, assim, uma nova abordagem em torno do papel que se pretende deva ser desempenhado pelos museus no âmbito das autarquias;
- recomenda-se que os museus construam os seus próprios mecanismos de autofinanciamento, tendo em visto uma autonomia crescente, garante do pleno exercício da cidadania;

- recomenda-se que seja dado todo o apoio às experiências que resistem à instrumentalização exercida pelo poder político.»

BREVES

Ante-projecto da UNESCO para a promoção dos museus e das colecções em discussão

A UNESCO pretende criar um novo documento normativo para protecção e promoção dos museus e das colecções. O [relatório](#) preliminar sobre o ante-projecto está disponível para consulta. A UNESCO solicita até 10 de Janeiro de 2015 observações e comentários. O ICOM Portugal convida todos os membros a pronunciarem-se sobre o documento referido (info@icom-portugal.org). Os comentários serão encaminhados para a Comissão Nacional da UNESCO. <http://www.icom-portugal.org/>



Projecto “Museus Comunitários” do ICOM Europa para a cooperação

O projecto “Museus Comunitários” é promovido pelo ICOM Europa, em colaboração com o ICOM LAC (Aliança Regional do ICOM para a América Latina e para as Caraíbas), e destina-se a ser apresentado para eventual financiamento pelo programa AGENDA 2020 da União Europeia, na linha especificamente destinada a incentivar as relações UE-LAC nos domínios cultural, científico e social (Call INT12-2015). Pretende constituir um consórcio que envolva instituições (universidades, museus ou associações) de três a quatro países União Europeia e quatro a cinco da América Latina e Central. Visa promover a cooperação, a qualificação e o desenvolvimento comunitário, incluindo actividades e produtos, tais como o intercâmbio de estudantes de doutoramento, estágios e contactos recíprocos, exposições, conferências, edições, oficinas, plataformas internet, *web design* e formação de pessoal. Mais informações: <http://www.icom-portugal.org/>



A revista *Museum International* passou a ser editada pelo ICOM Internacional

Anteriormente sob a alçada da UNESCO, a revista *Museum International* passou a ser da responsabilidade do ICOM Internacional. Já neste contexto foi publicado em 2014 um primeiro número dedicado à realidade museológica brasileira e está previsto novo número para o início de 2015, coordenado por Léontine Meijer-van Mensch, sobre as potencialidades de criar ligações através das colecções (*Museum collections make connections*). Os próximos números terão Tereza Scheiner como editora-chefe e Aedín Mac Devitt como editor executivo. Todos os números da revista estão disponíveis para os membros do ICOM através da plataforma [ICOMMUNITY](#) (são necessários os

dados de autenticação).

Assinada Declaração de Lisboa no âmbito do 8.º Encontro Ibero-Americano de Museus

Nos dias 13, 14 e 15 de Outubro de 2014 decorreu em Lisboa, no Museu Nacional de Etnologia, o 8.º Encontro Ibero-Americano de Museus, promovido pelo Programa Ibero-museus e pela Direção-Geral do Património Cultural. Subordinado ao tema *Caminhos de Futuro Para os Museus: Tendências e Desafios na Diversidade*, o encontro reuniu representantes de 17 países do universo ibero-americano e do qual resultou a assinatura da [Declaração de Lisboa](#). O documento representa o compromisso dos países presentes, no sentido do aprofundamento de acções conjuntas de cooperação horizontal, do fomento da comunicação e do acesso para potencializar a participação cidadã na gestão de políticas públicas para os museus e da ênfase nas políticas públicas em todo o contexto ibero-americano para a institucionalização do campo dos museus. Mais informações: <http://www.icom-portugal.org/>

Museu das Civilizações da Europa e do Mediterrâneo (MuCEM) ganha o prémio “Museu Conselho da Europa 2015”

A partir de uma lista de três candidatos apresentada pelo júri do EMYA, o prémio Museu Conselho Europa para 2015 foi atribuído ao MuCEM (Marselha) pela Comissão de Cultura da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa (PACE), reunida em Paris, no dia 5 de Dezembro de 2014. O MuCEM desenvolve uma programação centrada na diversidade dos povos do Mediterrâneo, desde o nascimento da Europa até a sua evolução histórica, social e cultural mais contemporânea e constitui-se como uma nova *ágora* na aproximação e conhecimento das civilizações europeia e árabe. Depois dos Museus de Portimão (2010), Colónia (2012), Liverpool (2013) e Baksı, na Turquia (2014), é a vez do museu francês receber a escultura de Juan Miró como símbolo desta distinção, no contexto da museologia europeia. Mais informações: <http://website-pace.net/web/apce/the-museum-prize>



Prémios APOM 2014

Em cerimónia realizada a 12 de Dezembro de 2014 no Museu da Farmácia, em Lisboa, a APOM (Associação Portuguesa de Museologia) atribuiu 26 prémios e várias menções honrosas. A APOM distingue anualmente museus e iniciativas na área da museologia portuguesa. Pode encontrar a lista completa dos premiados em notícia no jornal [Público](#) ou no pportodosmuseus.

PUBLICAÇÕES

Sugestões de leitura

Não sendo uma lista exaustiva, seleccionámos algumas referências bibliográficas mais recentes sobre a temática das redes numa perspectiva alargada do termo.

Alpert, Carol Lyne. 2013. *A Guide to Building Partnerships Between Museums and University-Based Research Centers*. [Boston]: Nise Network. <http://www.nisenet.org/>

Azor, Ana, coord. 2010. *Redes de Museos en Iberoamérica: Propuestas para la Articulación y el Fortalecimiento de las Instituciones Museísticas en el Espacio Iberoamericano*. Madrid: Secretaría General Técnica, Ministerio de Cultura. <http://www.mecd.gob.es/cultura-mecd/areas-cultura/museos/in/publicaciones.html>

Bunnik, Claartje, ed. 2013. *Tried and Tested Partnerships: Report by the Asscher-Vonk II Steering Committee*. Amsterdam: The Netherlands Museums Association, Association of National Museums e Network of European Museum Organisations. Disponível em: <http://www.museumvereniging.nl/>

Camacho, Clara Frayão. 2014. “Credenciação, Sistemas e Redes Nacionais de Museus - Uma Panorâmica Europeia Contemporânea.” Tese de doutoramento em História, Universidade de Évora. Disponível na íntegra no repositório da Universidade de Évora: <http://hdl.handle.net/10174/11718>

Instituto dos Museus e da Conservação. 2010. *Encontro RPM 10 Anos: Grupos de Trabalho - Conclusões*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação. Disponível em: http://www.culturalg.pt/info/encontro_rpm_10anos.pdf

Leite, Pedro Pereira. 2014. “A Relevância dos Museus de Macau para a Rede de Museus da Lusofonia.” *Plataforma: Semanário Luso-Chinês* [Macau], 1 de Agosto. p. 31. <http://www.plataformamacau.com/>

Open Method of Coordination (OMC) Working Group of EU Member States’ Experts on Promotion of Creative Partnerships. 2014. *Policy Handbook on Promotion of Creative Partnerships*. http://ec.europa.eu/culture/library/reports/creative-partnerships_en.pdf

Paulo, Dália. 2011. “Do Gueto à Partilha nos Museus do Algarve.” *Cadernos de Sociomuseologia* (41): 245-285. <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/>

“Plataforma Transfronteriza Mouseion”. 2010. *RdM: Revista de Museologia*, n.º 49. Este número inclui alguns textos relativos à Plataforma Transfronteira Mouseion. Índice de conteúdos disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/ejemplar?codigo=255608>

“Rede de Museus. Território. Identidade. Património.” 2010. *Boletim Cultural Vila Nova de Famalicão* III série (6-7): 193-390. Nesta secção temática do boletim de Famalicão incluem-se

contributos sobre várias redes de museus (p. ex. Rede Museus do Algarve, Rede Museus de Famalicão, entre outras). http://www.cm-vnfamalicao.pt/_boletim_cultural

Rodrigues, Francisco Amado, e Mariana Jacob Teixeira. 2012. *Museus Militares do Exército: Um Modelo de Gestão em Rede*. Lisboa: Colibri. Pequeno resumo e índice de conteúdos no blogue: <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5195>

Roberts, Mimi. 2013. “‘Howdy Partner!’ The Transformative Power of Museum-University Partnerships.” In *Museums and the Web 2013*, editado por Nancy Proctor, e Rich Cherry. Silver Spring, MD: Museums and the Web. <http://mw2013.museumsandtheweb.com/>

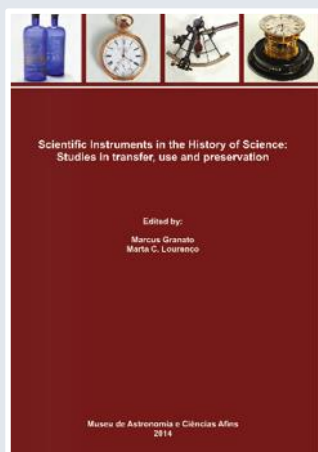
Santos, Jorge Alexandre Alves dos. 2009. “Rede Portuguesa de Museus: as Formas de Articulação e Cooperação Inter-museus.” Dissertação de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. Disponível na íntegra no repositório da universidade: <http://hdl.handle.net/10071/3770>

Soares, Isabel. 2012. “A Rede de Museus do Algarve: Funcionamento e Potencialidades.” Dissertação de mestrado em Museologia, Universidade de Évora. Disponível na íntegra através de: <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/6570>

Varine, Hugues de. 2013. “Entrevista com Hugues de Varine.” Entrevistado por Ana Carvalho. Blogue *No Mundo dos Museus*. Nesta entrevista, Varine fala da Rede Indústria, História, Património (criada em 2012). Disponível em: <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5585>

Vlachou, Maria. 2013. “Rede(s) de Segurança.” Blogue *Musing on Culture*. <http://musingtonculture-pt.blogspot.pt/2013/04/redes-de-seguranca.html>

Novas edições 2014



Marcus Granato e Marta C. Lourenço, eds. 2014. *Scientific Instruments in the History of Science: Studies in Transfer, Use and Preservation*. Edição do MAST (Museu de Astronomia e Ciências Afins), Rio de Janeiro. Disponível [online](#).

Marta C. Lourenço, Museu da Universidade de Lisboa

Este volume, em versão *e-book* e em versão em papel (lançada em Novembro de 2014), integra uma selecção de 19 artigos apresentados no 31.º Simpósio da Scientific Instrument Commission (SIC) no Rio de Janeiro, naquela que foi a primeira saída do SIC fora do eixo Europa-América do Norte. O livro tem quatro secções: i) em primeiro lugar, o trânsito de instrumentos científicos entre a Europa e as Américas e vice versa, desde o século XVII; ii) em segundo lugar, as colecções histórico-científicas das escolas secundárias - presentemente uma área vibrante de estudos na América do Sul; iii) em terceiro lugar, o património cultural de natureza científica do pós-guerra, cuja complexidade e dificuldade de preservação e documentação começa a interessar a especialistas de múltiplas áreas; e, finalmente iv) o papel dos instrumentos científicos na história da educação, da investigação e da inovação.

Embora existam contributos de múltiplos países, é a primeira vez que se reúnem num livro de distribuição mundial, em inglês, importantes estudos presentemente desenvolvidos na América do Sul sobre colecções de instrumentos científicos e património da ciência. O Brasil, o México, a Argentina e tantos outros países, inclusivamente em África e na Ásia, possuem colecções desconhecidas do *mainstream* da comunidade científica e museológica. Este volume é um primeiro passo para que novos horizontes se estabeleçam e se consolidem.



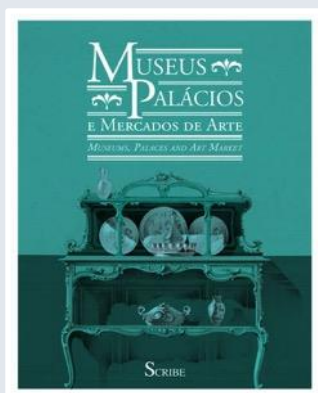
Luciana Ferreira da Costa, e Maria de Fátima Nunes, eds. 2014, vol. 4. *Museus, Turismo e Sociedade*, número especial da Revista Iberoamericana de Turismo (RITUR) da Universidade Federal de Alagoas (Brasil) e da Universidade de Girona (Espanha).

Ana Carvalho, membro do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS)

Recém publicado, este é um número especial dedicado aos museus e ao turismo que resulta de uma parceria entre a Universidade de Évora e as universidades promotoras da revista Iberoamericana de Turismo. Esta articulação fica patente na coordenação editorial, a cargo da brasileira Luciana Ferreira da Costa e de Fátima Nunes, directora do Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência (CEHFCi) da Universidade de Évora.

A revista (digital e em acesso aberto) adopta o sistema de avaliação por pares. No total são nove os artigos seleccionados, e que perspectivam a ambição iberoamericana da jovem revista científica (desde 2011). Entre os artigos, destacam-se duas participações portuguesas, a de Manuel de Azevedo Antunes com um artigo sobre «Vilarinho da Furna: Um Projeto Museológico de Turismo Sustentável» e «Hábito Cultural de Visitar Museus: Estudo de Público sobre o Museu do Homem do Nordeste; Brasil», um artigo assinado por Luciana Ferreira da Costa (editora deste número), doutoranda na Universidade de Évora, e por João Brigola, professor na mesma universidade.

Segundo as editoras, numa perspectiva a partir do turismo, neste número «serão encontradas análises sob dimensões sociais, antropológicas, históricas, políticas e económicas, evocando, transversalmente, os conceitos de memória, património e educação na constelação das relações entre museus, turismo e sociedade apresentadas pelos autores.» (p. 1).



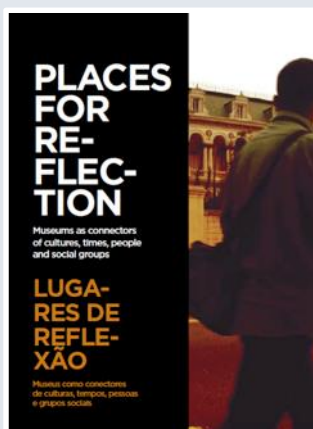
Museus, Palácios e Mercados de Arte. 2014. Edição do Palácio da Ajuda e da Cabral Moncada Leilões, através da Scribe - Produções Culturais, Lisboa.

José Alberto Ribeiro, director do Palácio da Ajuda

O Palácio Nacional da Ajuda e a Cabral Moncada Leilões promoveram em Novembro de 2013 um encontro de profissionais ligados aos museus, palácios e mercados de arte em Portugal, no qual se analisou a já antiga relação entre os museus, os palácios e os mercados de arte, e se abordou os critérios estético-artísticos nas políticas de aquisições, as diferentes realidades na constituição de colecções e a aquisição de obras de arte por parte do Estado e por coleccionadores privados, bem como a perspectiva das empresas ligadas ao mercado de arte e antiguidades e a sua relação com as instituições museológicas.

As actas deste colóquio são agora publicadas pela Scribe - Produções Culturais com a contribuição de representantes do Museu Nacional de Arte Antiga, da Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, da Faculdade de Letras e Instituto de História de Arte da Universidade de Lisboa, do Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, de J. Andrade Antiguidades, da Cabral Moncada Leilões, do Palácio Nacional da Ajuda, do Palácio Ducal de Vila Viçosa, do Palácio Nacional da Pena e de investigadores independentes.

O livro foi lançado no dia 3 de Dezembro de 2014, no Palácio Nacional da Ajuda, com apresentação de Raquel Henriques da Silva (Universidade Nova de Lisboa).



Lugares de Reflexão: Museus Como Conectores de Culturas, Tempos, Pessoas e Grupos Sociais/Museums as Connectors of Cultures, Times, People and Social Groups. 2014. Organização de Ana Cristina Carvalho. Edição do DEMHIST, São Paulo. Edição impressa e em formato [digital](#).

Elsa Catarina Rodrigues, secretária-tesoureira do DEMHIST

Esta *Lugares de Reflexão: Museus Como Conectores de Culturas, Tempos, Pessoas e Grupos Sociais* é uma obra bilingue em inglês-português com as palestras e os resumos das comunicações proferidas durante a conferência do [DEMHIST](#) (Comité Internacional para Museus em Casas Históricas) realizada no Rio de Janeiro de 12 a 17 de Agosto de 2013, na qual também participaram os comités [GLASS](#) (Comité Internacional para Museus e Colecções de Vidro), [ICDAD](#) (Comité Internacional para Museus e Colecções de Artes Decorativas e de Design) e ICFA (Comité Internacional para Museus e Colecções de Belas-Artes).

As reflexões centram-se nas relações com a comunidade, nos diálogos com o artefacto e no papel social dos museus. É redutor ver a casa-museu como um mausoléu ou um espaço sagrado. O espaço museológico é um lugar de encontro, de debate e de criação. Nesta obra encontrará exemplos de como casas-museus têm promovido a inclusão social, trabalhando com as comunidades onde se inserem e de casas-museus criadas pelas próprias comunidades visando a promoção e divulgação da memória. Porém, se para algumas casas-museus a sua comunidade é unicamente local, regional ou nacional, para outras é internacional.

A promoção de oficinas, exposições e festas com e para a comunidade incrementa o número de visitantes, logra reactivar áreas até então negligenciadas e fortalece os vínculos afectivos através do tempo. Por vezes, há mesmo uma

apropriação do espaço e da colecção por parte da comunidade. Noutros casos é necessário criar uma comunidade de pesquisadores/leitores ou de visitantes, integrando bibliotecas ou criando arquivos digitais para que o espaço e comunidade se fundam, impedindo a cristalização da memória individual e colectiva.

A diversidade de casos apresentados mostra a riqueza desta obra e o programa de visitas guiadas revelou a diversidade patrimonial brasileira. Boa leitura!

Nota da ed.: Caso pretenda receber a versão impressa do livro poderá contactar directamente Ana Cristina Carvalho (anacristina@sp.gov.br)

Encontra uma lista actualizada de novas publicações na [base de dados](#) do ICOM Internacional (incluindo *newsletters* dos vários comités nacionais e internacionais, e monografias), na [Routledge](#) (editora internacional de livros académicos, revistas e recursos em linha no âmbito das ciências sociais), na [MuseumsEtc](#) (editora independente com base em Edimburgo e em Boston), na [Museum-iD](#) (editora independente sediada no Reino Unido). Veja ainda a série [On Museums](#) editada por *The Inclusive Museum* (Illinois, Estados Unidos), entre outras.

A Routledge, por exemplo, já anunciou novos títulos para [2015](#). Para os próximos meses, destacam-se os seguintes: [Learning Conversations in Museums](#), editado por Gaea Leinhardt e por Kevin Crowley; [Museums and the Representation of Native Canadians](#), de Moira McLoughlin, e [Museums, Heritage and Indigenous Voice](#) de Bryony Onciul.

AGENDA

Conferências, encontros, debates

(Nacional)

VI Jornada de Casas-Museu Portuguesas | 23 de Março de 2015

Fundação Eça de Queiroz, Baião (Porto)

A reunião abordará a importância dos fundos documentais na gestão museológica.

Mais informações brevemente em: <http://www.icom-portugal.org>

Histórias Partilhadas Para uma Europa Sem Linhas Divisórias/Shared Histories For a Europe Without Dividing Lines | 25-26 de Março de 2015

org. ICOM Portugal e Conselho da Europa | Local: Museu Nacional de Arqueologia e Palácio da Ajuda

Com enfoque para a reflexão sobre educação formal e não formal em museus, o ICOM Portugal organiza em conjunto com o Conselho da Europa dois dias de conferências.

Mais informações brevemente em: <http://www.icom-portugal.org>

Jornadas de Primavera do ICOM Portugal: Europa, Museus e Educação (EME) | 27 de Março de 2015

org. ICOM Portugal | Palácio Nacional da Ajuda

As Jornadas de Primavera do ICOM Portugal serão em 2015 dedicadas ao tema *Europa, Museus e Educação*. Está confirmada uma conferencista internacional: Tatiana Minkina Milko, directora da History Education Unit do Conselho da Europa. No mesmo dia terá lugar a habitual assembleia-geral do ICOM Portugal.

Mais informações brevemente em: <http://www.icom-portugal.org>

Conferências, encontros, debates

(Internacional)

Calendário ICOM Internacional 2015

Muitos dos comités internacionais do ICOM já têm para 2015 as suas reuniões anuais agendadas, que decorrem com mais incidência no último trimestre do ano. Não sendo possível fazer referência a todos os eventos, sugerimos a consulta do [calendário](#) do ICOM Internacional.

Caso seja membro do ICOM pode ainda aceder à [ICOMMUNITY](#), plataforma de partilha entre profissionais, onde encontrará mais informação sobre a actividade dos comités nacionais e internacionais.

Museums and the Web 2015 | 8-11 de Abril de 2015

Chicago, Estados Unidos | org. Museums and The Web

A conference dedicated to cultural, social, technological, design, organizational and economic issues of science, culture and heritage on-line, influencing the role of museums on the Web. MW offers a range of professional learning opportunities, from plenary sessions to un-conference sessions, from formal papers to informal networking, from museum project demonstrations to commercial exhibits, from professional debates to lightning talks, from how-to sessions to crit rooms and the Best of the Web awards.

Mais informações em: <http://mw2015.museumsandtheweb.com>

MuseumNext | 19-21 de Abril de 2015

Genebra, Suíça | org. MuseumNext

A MuseumNext Geneva will serve as a platform to discuss what's next for all aspects of the museum, including architecture, exhibitions, technology, skills, collections, conservation, purpose and leadership. The event will run over three days, with presentations, debates, workshops and plenty of networking. The international nature of MuseumNext often means that we bring together delegates from very different organisations who are facing similar challenges.

Mais informações em: <http://www.museumnext.com>

Formação

Formação Rede Portuguesa de Museus | 2015

A formação organizada pela Rede Portuguesa de Museus abrange um leque diverso de cursos de curta duração (inventário, vigilância e segurança, conservação preventiva, património imaterial, acessibilidade, educação, comunicação). Consulte a página da Rede Portuguesa de Museus para saber mais: <http://www.patrimoniocultural.pt>

Comunicação Acessível: Design de Comunicação e Linguagem Simples | Lisboa, Museu da Electricidade | 19 de Janeiro de 2015 | Horário: 9h30 - 12h30 e 14h00 - 17h00
org. Acesso Cultura

Os erros na comunicação (visual e escrita) são comuns e repetidos e continuam a impedir a acessibilidade dos visitantes aos conteúdos das exposições e de outros suportes. Profissionais de museus e designers queixam-se de incompreensão mútua quanto ao papel e competências

de cada parte. Através desta formação, procuramos entender melhor as necessidades dos visitantes e a forma como todos os que trabalham na construção e comunicação de conteúdos podem contribuir para que a resposta às mesmas seja eficaz e acessível.

Mais informações: <http://acessocultura.org/>

Direito de Autor e Domínio Público | Lisboa, Museu da Electricidade | Porto, Centro Português de Fotografia | 23 de Fevereiro de 2015 | Horário: 9h30 - 12h30 e 14h00 - 17h00

org. Acesso Cultura

Para os profissionais da cultura que se dedicam a fazer chegar ao público, à comunidade, obras de natureza artística e que, consequentemente têm de gerir esse mesmo acesso, o conhecimento sobre Direito de Autor - que permita identificar o respectivo titular, a existência ou não de direitos, quais os limites à utilização e à reprodução do acervo de que dispõem -, revela-se essencial para a melhor prossecução dos seus objectivos. [...] Assim, afigura-se essencial para tais instituições - e para os profissionais que nelas ou com elas trabalham - saber quais os limites e excepções ao direito de autor (e.g. utilizações livres para fins educativos), o que são e como funcionam as licenças abertas de utilização de direito de autor e direitos conexos (por exemplo, as licenças Creative Commons), e por que razão devem dar acesso a obras e prestações que estejam no domínio público.

Mais informações: <http://acessocultura.org/>

Acessibilidade: Uma Visão Integrada | Lisboa, Culturgest | 2, 9, 16, 23 de Fevereiro 2015 e 2, 9, 16, 23 de Março de 2015 | Horário: 18h30 - 21h30

org. Acesso Cultura

A Acesso Cultura defende um conceito de acessibilidade que vai muito além das rampas e das casas de banho adaptadas. Um conceito que encara a acessibilidade como uma área transversal a toda a actividade das instituições culturais. Acreditamos que existe uma necessidade cada vez maior de partilhar com os profissionais da cultura e com as suas tutelas este conceito alargado de acessibilidade. Assim, nesta formação vamos reflectir sobre o edifício; o *design* de exposições; a comunicação; os serviços; os recursos humanos. Esperamos poder sensibilizar, partilhar os nossos conhecimentos, aprender com os outros e chegar ao dia em que as pessoas com necessidades especiais serão visitantes e espectadores autónomos nas nossas instituições culturais, tal como todos os outros, e que farão cada vez mais parte das equipas das mesmas.

Mais informações: <http://acessocultura.org/>

Design Inclusivo: Mito ou Realidade? | Lisboa, Museu Nacional de História Natural e da Ciência | 13 de Abril de 2015 | Horário: 9h30 - 12h30 e 14h00 - 17h00

org. Acesso Cultura

Esta formação procura introduzir o conceito de Design Inclusivo, apresentando um breve enquadramento sobre o seus pressupostos e evolução. De forma a clarificar como este conceito pode ser aplicado em situações reais, serão analisados casos de estudo de produtos, ambientes e elementos de comunicação onde a inclusividade tenha sido abordada de forma relevante. Procurar-se-á iniciar um processo de reflexão sobre o impacto sociocultural do design inclusivo, partindo das temáticas da acessibilidade e do envelhecimento demográfico, enquanto estímulos para a criação de novas soluções.

Mais informações: <http://acessocultura.org/>

Chamada para propostas

[ICOM News 2015](#) | Prazo limite: 15 de Janeiro, 1 de Abril e 31 de Maio | org. ICOM Internacional

O *ICOM News* é uma publicação do ICOM Internacional que pretende ser uma plataforma de partilha de estudos de caso e de práticas museológicas inovadoras, sugerindo um conjunto de orientações práticas aos profissionais de museus. A revista tem as seguintes secções: “Em Foco”, “Boas Práticas” e “Relatório Especial”, que são dedicadas a temas contemporâneos específicos.

Para o número de Março/Abril de 2015, os temas previstos para cada secção são: “Em Foco” - *Museus Para uma Sociedade Sustentável*; “Boas Práticas” - *Realidade Aumentada*; “Relatório Especial” - *Museus e Direitos Humanos*. Propostas até: 15 de Janeiro de 2015

Para o número de Julho de 2015, os temas a explorar para cada secção são: “Em Foco” - *Museus Para uma Sociedade Sustentável*; “Boas Práticas” - *Técnicas de Conservação*; “Relatório Especial” - *Museus e Arquitectura*. Propostas até 1 de Abril de 2015

O número de Dezembro de 2015 será inteiramente dedicado ao tema da 24.ª conferência-geral, *Museus e Paisagens Culturais* (Milão, 2006). Propostas até 31 de Maio de 2015

Os autores interessados devem enviar resumos de 200 a 300 palavras em inglês, francês ou espanhol para publications@icom.museum.

[Fundação para a Ciência e Tecnologia \(FCT\) | Concurso de projectos de investigação científica e desenvolvimento tecnológico](#) | Prazo limite: 29 de Janeiro de 2015

A FCT pretende apoiar ideias inovadoras em todos os domínios científicos, que contribuam de forma significativa para o avanço do conhecimento, e que demonstrem capacidade de ter impacto internacional, em termos de produção científica. O concurso apoiará projectos pelo período máximo de 36 meses. Podem candidatar-se, individualmente ou em associação, equipas de investigação de instituições do ensino superior, seus institutos e centros de I&D; Laboratórios Associados; Laboratórios do Estado; instituições privadas sem fins lucrativos (que tenham como objecto principal actividades de Ciência e Tecnologia); empresas (desde que inseridas em projectos liderados por Instituições de I&D públicas ou privadas sem fins

lucrativos) e outras instituições públicas e privadas, sem fins lucrativos, que desenvolvam, ou participem em actividades de investigação científica.

Mais informações: <http://www.fct.pt/>

Revista MIDAS - Museus e Estudos Interdisciplinares | Prazo limite: 31 de Março de 2015

Encontra-se aberto o *call for papers* para o 6.º número da revista MIDAS. Além de uma secção aberta a artigos de diversas temáticas (*Varia*), resenhas críticas de livros e Notações (pequenos artigos, projectos), este número irá incluir um dossier subordinado ao tema: “Museus, Discurso e Poder”, coordenado por Paulo Simões Rodrigues (Universidade de Évora) e pela australiana Laurajane Smith (Australian National University). A MIDAS é uma revista digital dedicada aos museus, com arbitragem científica, semestral e de acesso aberto. Envio de propostas até 31 de Março de 2015.

Mais informações: <http://midas.revues.org/622>

Museus Para uma Sociedade Sustentável

Celebrado desde 1977, o Dia Internacional de Museus é uma oportunidade para dar atenção a temas que preocupam a comunidade profissional e a sociedade em geral. Para o ano de 2015, o tema escolhido é *Museus Para uma Sociedade Sustentável*.

Para viver em equilíbrio com a natureza e numa sociedade sustentável significa que são necessárias mudanças na forma de pensar e de agir. De acordo com o ICOM Internacional, os museus podem ter um papel fundamental na promoção do desenvolvimento sustentável e de boas práticas. Utilizar os recursos de forma equilibrada, reduzindo o seu impacto no ambiente é também uma responsabilidade dos museus.

Embora a programação para o Dia Internacional dos Museus se centre no dia 18 de Maio, os eventos podem prolongar-se pelo fim-de-semana ou durante uma semana. No *website* do [ICOM Internacional](http://www.icom-international.org) encontra mais informações sobre esta temática e sugestões sobre como [programar](#) para o Dia Internacional de Museus (cf. [Kit for Museums](#)). Pode acompanhar o Dia Internacional dos Museus no Facebook: <https://www.facebook.com/internationalmuseumday>.



Colabore com o ICOM Portugal

Já conhece a página de Facebook do ICOM Portugal? Visite, comente e partilhe conteúdos em: <https://www.facebook.com/icomportugal>

O próximo boletim ICOM Portugal será dedicado ao tema proposto para o Dia Internacional de Museus de 2015: *Museus Para uma Sociedade Sustentável*. Caso queira sugerir conteúdos contacte-nos (até 15 de Fevereiro) para saber como, através do email: boletim.icom.pt@gmail.com (Ana Carvalho).

FICHA TÉCNICA

Boletim ICOM Portugal, Série III, N.º 2, Jan. 2015 | ISSN 2183-3613

Este boletim é uma edição da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Museus (ICOM Portugal). Publica-se três vezes por ano (Janeiro, Maio e Setembro). As opiniões expressas nos textos assinados são da inteira responsabilidade dos seus autores, não reflectindo necessariamente os pontos de vista do ICOM Portugal.

O boletim adopta a antiga ortografia.

Editora: Ana Carvalho | Colaboraram nesta edição: Alexandre Matos, Ana Mercedes Stoffel, Barry Lord, César Lopes, Clara Frayão Camacho, Dália Paulo, Elsa Catarina Rodrigues, Emanuel Sancho, Francisco Amado Rodrigues, Gail Lord, Helena Barranha, Inês Fialho Brandão, João Tomé Duarte, Joana Sousa Monteiro, José Alberto Ribeiro, José Gameiro, José Picas do Vale, Lígia Rafael, Luís Raposo, Maria de Jesus Monge, Maria José Teixeira, Maria van Zeller, Maria Vlachou, Mário Moutinho, Mário Nuno Antas, Marta C. Lourenço, Paulo Costa Pinto, Pedro Pereira Leite, Raquel Pereira, Rita Xavier Monteiro, Susana Marques e Teresa Mourão. A todos os colaboradores o nosso agradecimento.

Design: Maria van Zeller, Sistemas do Futuro | Imagem da capa: Fotografia de Luís Ferreira Alves © Museu do Douro.

Palácio Nacional da Ajuda - Museu, Ala sul - 2.º Andar, Largo da Ajuda, 1349-021 Lisboa
| tel. 213637095 | info@icom-portugal.org | <http://www.icom-portugal.org> |
<https://www.facebook.com/icomportugal>